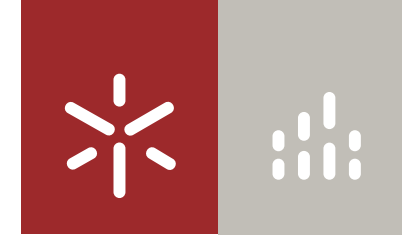


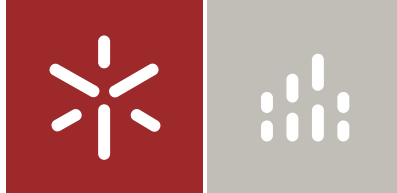


João António Carvalho Ferreira

A memória e futuro do património industrial
de Caldas das Taipas: Projecto para o Centro
Interpretativo da Cutelaria

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

João António Carvalho Ferreira

A memória e futuro do património industrial
de Caldas das Taipas: Projecto para o Centro
Interpretativo da Cutelaria

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Bruno Acácio Ferreira Figueiredo

Anexo 3

DECLARAÇÃO

Nome: João António Carvalho Ferreira

Endereço eletrónico: joaokaferreira@gmail.com

Telefone: 912642602

Bilhete de Identidade/ Cartão do Cidadão: 13786154

Título da dissertação: A memória e futuro do património industrial de Caldas das Taipas:
Projecto para o Centro Interpretativo da Cutelaria.

Orientadores:

Professor Doutor Bruno Acácio Ferreira Figueiredo

Ano de conclusão: 2017

Mestrado em Arquitectura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA
EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO,
QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: 

Agradecimentos

Ao Professor Bruno Acácio Ferreira Figueiredo, o meu profundo agradecimento pela orientação e pelo tempo que me dispensou ao longo de todo o percurso.

À família. À minha Mãe e Pai, pelo apoio incondicional, desde sempre.

Aos amigos.

A todos os que de alguma forma contribuíram para a chegada deste trabalho a “bom porto”.

E por fim, à Ana, por tudo.

Resumo

Poucos são os que fortuitamente passando pela vila de Caldas das Taipas, têm conhecimento do seu panorama industrial, único em território nacional.

A actual indústria de produção de cutelarias da vila de Caldas das Taipas, representada por mais de uma dezena de empresas, tem um peso inegável na economia da região e consequentemente do país, tendo em conta que a região, e mais concretamente algumas das empresas aí fixadas, são líderes europeias na produção de cutelarias de mesa.

Independentemente da posição de liderança de mercado desta indústria no panorama nacional e europeu, e da grande parte da população região ter noção da dimensão desta indústria, esta é ainda uma realidade relativamente desconhecida ou até por vezes ignorada, pelo que se torna pertinente uma intervenção no sentido de valorizar esta tradição industrial em particular.

Este é o mote para o tema apresentado neste trabalho, o desenvolvimento de um projecto para um equipamento que acolha, valorize e exponha a tradição e o contexto industrial particular da vila: as Cutelarias.

Este intuito formaliza-se com o estudo e análise do contexto em que se desenvolve esta indústria, e através da proposta de um projecto de arquitectura para o “Centro Interpretativo da Cutelaria” como elemento agregador entre passado, presente e futuro da produção de cutelarias na vila.

Summary

Few are those who fortuitously wander through the village of Caldas das Taipas, are aware of its industrial tradition, unique in the country, found in this particular region.

The current cutlery production industry in the village of Caldas das Taipas, represented by more more than a dozen companies, has an undeniable role in the economy of the region and consequently the country, taking into account that the region, and more specifically some of the companies laid down therein, are European leaders in the production of table cutlery.

Irrespective of the market leading position of this industry in the domestic and European market, and much of the population region to be aware of the size of this industry, this is still a relatively unknown reality or sometimes even ignored, which call for intervention in order to value this particular industrial tradition.

This is the motto for the theme presented in this work, the development of a project for an equipment that can welcome, value and expose the tradition and the particular industrial context of the village: Cutlery.

This intention is formalized with the study and analysis of the context in which this industry is developed, and through the proposal of an architectural project for the “Cutlery Interpretation Center” as an aggregator between past, present and future of the production of cutlery in the Village.

Índice

Página

Volume I

1	Introdução
1	Objectivos e Metodologia

Capítulo I

3	
4	1.1 A vila de Caldas das Taipas
5	1.1.1 Enquadramento Histórico
6	1.1.2 A Actualidade
7	1.1.2.1 A Agricultura
8	1.1.2.2 A Estância Termal
8	1.1.2.3 O Comércio e o Turismo
9	1.1.2.4 Tradição Industrial - As Cutelarias
10	1.1.3 O reflexo dos diferentes sectores económicos na vila
18	1.2 O Antigo Mercado
19	1.2.1 Enquadramento Histórico
20	1.2.2 Estado Actual
22	1.3 Conclusão

Capítulo II

23	
25	2.1 Intrdução
25	2.2 Sobre o contexto em Arquitectura: Contexto enquanto gerador da ideia de projecto - Reflexo de contextos específicos na concepção arquitectónica
26	2.3 Conceito
	2.3.1 Contexto físico e contexto cultural - hierarquias contextuais na geração da ideia de projecto e estratégias de diálogo
33	2.4 Programa
33	2.4.1 Reflexo de um contexto específico na articulação funcional de um edifício e a ideia de dinâmica de movimento de um conteúdo programático
38	2.5 Tectónica
38	2.5.1 A materialidade imbuída de conteúdo narrativo – Estratégias de dissimulação e destaque e noções de efemeridade das características materiais
42	2.5.2 Reacção ao tempo e com o tempo – sobre o comportamento e inevitabilidade da transformação material
43	2.6 Conclusão

Página

Volume I

45

Capítulo III

47

3.1 Introdução ao Projecto

50

3.2 O Antigo Mercado

51

3.2.1 Proposta de Requalificação da praça do Antigo Mercado

58

3.3 O Centro Interpretativo da Cutelaria

59

3.3.1 Lógica de Implantação

62

3.3.2 Conceito (A “fábrica” enquanto geradora de forma)

67

3.3.3 O Programa

72

3.3.3.1 Lógicas organizativas do programa expositivo

74

3.3.4 Materialidade

74

3.3.4.1 O aço enquanto reflexo dos pressupostos conceptuais

76

3.3.4.2 Vãos

77

3.3.5 Estrutura

82

3.4 Conclusão

83

Bibliografia

86

Anexos

Folha

Volume II

1

Planta de Localização

2

Praça do Antigo Mercado - Estado Actual e Projecto de Requalificação

3

CIC - Plantas dos pisos -2 e -1

4

CIC - Plantas dos pisos 0 e 1

5

CIC - Plantas dos pisos 2 e Cobertura

6

CIC - Alçados

7

CIC - Corte AA'

8

CIC - Corte BB'

9

CIC - Corte CC'

10

CIC - Pormenorização Construtiva

11

CIC - Pormenorização Construtiva

12

CIC - Pormenorização Construtiva

Índice de Figuras

Página	Figura
5	1 http://c7.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/Bff072262/9992603_8nT8t.jpeg
5	2 http://www.termasdeportugal.pt/media/4/Image/ImagensTOP/Termas/CaldasTaipas.jpg
5	3 http://www.gliimecode.com/wp-content/uploads/2016/02/avepark-02.jpg
5	4 http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/news/image/2059/centro_pastoral_taipas.jpg
5	5 http://www.guimaraesturismo.com/imgcrop/uploads/geo_article_image/image/498/bv_day__1__1_510_300.JPG
7	6 Fotomontagem. Do autor.
7	7 Fotomontagem. Do autor.
7	8 Fotomontagem. Do autor.
8	9 Fotomontagem. Do autor.
9	10 Fotomontagem. Do autor.
10	11 Fotomontagem. Do autor.
11	12 Fotomontagem. Do autor.
11	13 Fotomontagem. Do autor.
12	14 Google maps. Alterada pelo autor.
12	15 Google maps. Alterada pelo autor.
12	16 Google maps. Alterada pelo autor.
13	17 Google maps. Alterada pelo autor.
13	18 Google maps. Alterada pelo autor.
15	19 Fotomontagem. Do autor.
16	20 Fotomontagem. Do autor.
19	21 Imagem de autor desconhecido.
21	22 Fotografia. Do autor.
21	23 Fotografia. Do autor.
21	24 Fotografia. Do autor.
21	25 Fotografia. Do autor.
29	26 http://images.adsttc.com/media/images/5155/8ff3/b3fc/4b93/3400/0006/large_jpg/3093384613_1f65a40e03_b.jpg?1364561904
29	27 http://images.adsttc.com/media/images/5151/a903/b3fc/4b97/7300/0006/large_jpg/alvaro-siza-portugal-matosinhos-boa-nova-tea-house-01-samuel-ludwig.jpg?1364306177
30	28 http://images.adsttc.com/media/images/5201/0018/e8e4/4ebc/d300/0017/slideshow/JM_Multiusos_VianaCastelo_002.jpg?1375797263
30	29 http://images.adsttc.com/media/images/5201/004c/e8e4/4ebc/d300/0019/slideshow/JM_Multiusos_VianaCastelo_015.jpg?1375797310

Página	Figura	
31	30	http://images.adsttc.com/media/images/552c/8eaa/e58e/ce2c/fd00/01ae/large_jpg/casadamusica.jpg?1428983458
31	31	http://images.adsttc.com/media/images/552c/8d88/e58e/cebf/5400/0182/large_jpg/92752_%C2%A9_Philippe_Ruault.jpg?1428983168
32	32	http://images.adsttc.com/media/images/5037/ed95/28ba/0d59/9b00/04d2/large_jpg/stringio.jpg?1414219300
32	33	http://images.adsttc.com/media/images/5037/ed4e/28ba/0d59/9b00/04ca/large_jpg/stringio.jpg?1414219280
33	34	http://images.adsttc.com/media/images/5037/dde6/28ba/0d59/9b00/0091/large_jpg/stringio.jpg?1414033827
33	35	http://www.fallingwater.org/img/home_assets/WINTER_slide2.jpg
35	36	http://3.bp.blogspot.com/-8V4r-7tVNnM/T-jtr8DFcQI/AAAAAAAAAVY/FaX2SDyA3cs/s1600/BOTTA_012.jpg
35	37	https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/63/a4/de/63a4de87da3042b9cd54d720713d7d90.jpg
36	38	http://images.adsttc.com/media/images/5037/de51/28ba/0d59/9b00/00bc/slideshow/stringio.jpg?1414230424
36	39	http://www.archidiap.com/beta/assets/uploads/2016/03/solomon-r-guggenheim-museum-new-york-ny-usa-attractions-museums-architecture-1546620_54_990x660_201406011132.jpg
37	40	http://images.adsttc.com/media/images/5285/f581/e8e4/4e8e/7200/01b2/slideshow/2.jpg?1384510842
37	41	https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Sesc_Pompeia.jpg
38	42	http://www.detail-online.com/inspiration/sites/inspiration_detail_de/uploads/imagesResized/projects/780_448-6184-downloadansichten-584.jpg
38	43	http://acdn.architizer.com/thumbnails-PRODUCTION/40/32/4032c1bd913e6633078298f5c48bb8a6.jpg
40	44	http://images.adsttc.com/media/images/5107/fa86/b3fc/4b27/2000/0047/large_jpg/stringio.jpg?1414426468
40	45	http://images.adsttc.com/media/images/5107/fa8a/b3fc/4b27/2000/0048/large_jpg/stringio.jpg?1414426471
41	46	http://images.adsttc.com/media/images/54d3/e295/e58e/ced9/ea00/0016/slideshow/544.jpg?1423172239
41	47	http://images.adsttc.com/media/images/53a1/a27d/c07a/80d6/3400/01c5/slideshow/541.jpg?1403101812

Página	Figura	
42	48	http://images.adsttc.com/media/images/54c8/46d2/e58e/ce5c/5e00/013f/large_jpg/museum_of_fire_2_2880.jpg?1422411443
42	49	http://images.adsttc.com/media/images/54c8/4780/e58e/ce45/7a00/0138/large_jpg/museum_of_fire_7_2880.jpg?1422411633
53	50	Fotomontagem. Do autor.
53	51	Fotomontagem. Do autor.
54	52	Fotomontagem. Do autor.
54	53	Fotomontagem. Do autor.
55	54	Fotomontagem. Do autor.
55	55	Fotomontagem. Do autor.
56	56	Desenho técnico. Do autor.
56	57	Desenho técnico. Do autor.
60	58	Esquema. Do autor.
61	59	Fotomontagem. Do autor.
61	60	Fotomontagem. Do autor.
61	61	Fotomontagem. Do autor.
63	62	Fotomontagem. Do autor.
63	63	Fotomontagem. Do autor.
64	64	Fotomontagem. Do autor.
64	65	Fotomontagem. Do autor.
66	66	Esquema. Do autor.
68	67	Esquema. Do autor.
68	68	Esquema. Do autor.
69	69	Esquema. Do autor.
70	70	Esquema. Do autor.
71	71	Esquema. Do autor.
73	72	Esquema. Do autor.
76	73	Fotomontagem. Do autor.
77	74	Esquema. Do autor.
78	75	Esquema. Do autor.
79	76	Esquema. Do autor.
79	77	Esquema. Do autor.
80	78	Esquema. Do autor.
80	79	Esquema. Do autor.

A memória e futuro do património industrial de Caldas das Taipas

Projecto para o **C**entro **I**nterpretativo da **C**utelaria

Introdução

A vila de Caldas Taipas apresenta-se actualmente (ainda) caracteristicamente rural, assumindo a agricultura como a principal base económica da economia da aldeia até um passado muito recente. Nos dias de hoje, no entanto, sua tradição termal, turismo e comércio local e, especialmente, sua indústria de cutelarias assumem-se como os principais catalisadores económicos e culturais da aldeia.

O surgimento e proliferação desses setores económicos são o reflexo da relação entre a localização geográfica desse território e a exploração de seus recursos naturais, que influenciaram as pessoas que ali estabeleceram e desenvolveram as suas atividades ao longo do tempo, influenciando consequentemente a evolução do tecido urbano da vila, os seus espaços públicos e equipamentos. Uma “reação em cadeia” que é responsável pela identidade singular que esta vila nos apresenta hoje.

Independentemente deste carácter vincado, existem no entanto alguns problemas de “memória” e a projecção da mesma no presente, que se observam através da análise do centro da vila, nomeadamente a inexistência de referências relativas à divulgação e circulação da tradição industrial cuteleira.

O presente trabalho desenrola-se portanto a partir deste designado “problema de identidade”, culminando em última instância com a proposta de um equipamento público, que se apresenta neste trabalho como uma intervenção que possivelmente auxiliaria à solução do “problema de identidade” que despoletou todo o tema de trabalho.

Objectivos e Metodologia

A ideia catalisadora para o presente trabalho surge da vontade de desenvolver uma proposta capaz de valorizar uma tradição industrial característica do concelho de Guimarães e, mais concretamente, da vila de Caldas das Taipas: a sua indústria de cutelarias.

O presente trabalho tem portanto como objectivo primordial a proposta de um equipamento público, o Centro Interpretativo da Cutelaria, na vila de Caldas das Taipas.

Existem no entanto dois outros objectivos que precedem a proposta do equipamento enquanto objectivo final e que de certa forma corroboram a pertinência da sua proposta: o reconhecimento da falta de uma referência à tradição industrial cuteleira, que ilustre a sua importância no plano cultural e económico actual da vila no seu centro e a inexploração das potencialidades da antiga Praça do Mercado da vila enquanto espaço público de excelência.

No que à metodologia diz respeito, o trabalho encontra-se organizado em três partes: Enquadramento incidente na vila de Caldas das Taipas, Enquadramento teórico e Projecto.

No primeiro capítulo desenvolvem-se dois subcapítulos, o primeiro incidente na vila de Caldas das Taipas, mais concretamente no seu contexto histórico e actual sob o ponto de vista cultural e económico; o segundo, no antigo Mercado da Vila e a sua praça, com o intuito de desenvolver um exercício argumentativo incidente no seu mau aproveitamento actual enquanto espaço público face ao seu privilegiado posicionamento no seio da vila.

Dada a pertinência do contexto urbano e arquitetónico em que este trabalho se desenvolve, o segundo capítulo aborda um conjunto de temas relativos à ideia de contexto em Arquitectura. Pretende-se ainda que estes temas auxiliem à sustentação teórica do projecto proposto para o Centro Interpretativo da Cutelaria (CIC).

O terceiro e último grande capítulo, relativo ao projecto de arquitectura, subdivide-se em dois subtemas do projecto: a proposta de requalificação da praça do antigo mercado e a proposta do CIC.

Relativamente à proposta de requalificação da praça do antigo mercado expõem-se as alterações propostas, de acordo com as problemáticas evidenciadas no subcapítulo de enquadramento com a mesma temática, incidindo a proposta de projecto, de uma forma geral, em soluções que permitam um maior aproveitamento do espaço total da praça bem como dotar o espaço de uma maior versatilidade.

No subcapítulo reservado à proposta de projecto do CIC, faz-se um enquadramento justificativo dos princípios que estão na génese do projecto, em estreita relação com o enquadramento teórico desenvolvido anteriormente no capítulo de enquadramento, nomeadamente questões de implantação do edifício, conceito, programa e questões ligadas à tectónica, como materialidade e estrutura.

O terceiro capítulo compreende ainda um conjunto de anexos, nomeadamente desenhos técnicos relativos à proposta de requalificação da Praça do Mercado e ao CIC, inseridos no segundo volume da tese. Fazem parte desse segundo volume: plantas de localização da vila e da Praça do Mercado; plantas da proposta de requalificação da Praça do Mercado; plantas, cortes e alçados do CIC; pormenorização construtiva a diversas escalas.

Capítulo I

Caldas das Taipas: A Vila

1.1.1 Enquadramento Histórico

Fruto da sua localização geográfica, inserida na bacia hidrográfica do Rio Ave, Caldas das Taipas possui diversos testemunhos físicos e documentais que atestam a importância da região, hoje mais conhecida por Caldas das Taipas, já nas primitivas épocas de ocupação humana. Banhada pelo Rio Ave, o motivo central para fixação e sobrevivência das populações deste território ao longo de milénios, esta região era já habitada na idade do Ferro[1], certamente por povoações de tipologia castreja, de que são exemplos a Citânia de Briteiros e o Castro Sabroso, situados em diversos montes que circundam a actual freguesia de Caldas das Taipas.

Em Caldelas assentaram ainda arraiais os exércitos imperiais romanos, na sua tentativa de ocupação dos territórios ibéricos mais ocidentais. Desta passagem são testemunhos exemplos como a “Ara de Nerva”, um enorme bloco granítico plantado junto à actual Igreja Paroquial, que possui uma inscrição latina dedicada ao imperador romano Trajano Augusto.[2] Este monumento é um testemunho valioso e comprovativo de que as águas medicinais de Caldelas, nascidas a dois passos do Rio Ave, foram procuradas e valoradas já na época imperial romana pelas suas virtudes terapêuticas, facto este atestado pelas descobertas arqueológicas efectuadas ao longo do século XIX [3], que puseram a descoberto um antigo complexo termal romano, constituído por várias piscinas ladrilhadas, poços e tanques comunicantes entre si.

[1] CACHADA, Armindo
– Caldas das Taipas –
Monografia e Roteiro Turístico.
1ª Edição. Caldas das Taipas:
Junta de Freguesia de Caldas
das Taipas, 2006. pág. 19

[2] Ibid., pág. 157

[3] Ibid., pág. 40



Figuras 1, 2, 3, 4 e 5

De cima para baixo, da esquerda para a direita: Rio Ave e pontilhão romano; Edifício do Hotel das Termas; Edifício no Ave Park; Auditório Paroquial; Banhos Velhos (antigas instalações termais)

1.1.2 A actualidade

Inserida geograficamente entre as cidades de Guimarães e Braga no eixo Norte/Sul (N101) e Famalicão e Póvoa do Lanhoso no eixo Este/Oeste (N310), e pertencente ao concelho de Guimarães, a freguesia de Caldelas, cuja sede passou a denominar-se por Caldas das Taipas a partir do ano de 1940, possui actualmente cerca de 6000 habitantes e compreende uma área territorial de cerca de 2,7km², resultando numa densidade populacional de 2107,4 habitantes por km² (dados relativos ao ano de 2011).[4]

Possui algumas características que cimentam desde há vários anos um carácter particular dentro do concelho de Guimarães, como por exemplo a sua estância termal e uma tradição industrial muito própria.

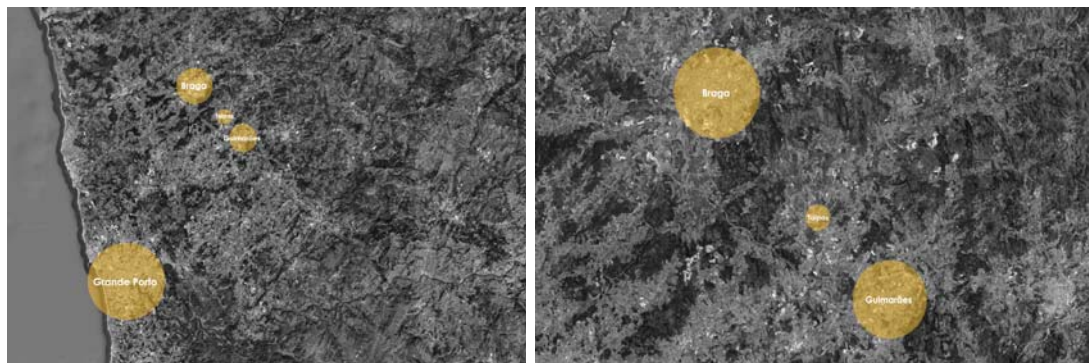
A vila manteve sempre até aos dias de hoje um elevado bucolismo, em boa parte devido ao seu enquadramento numa zona tipicamente rural e pelo facto de ser atravessada pelo Rio Ave. A proximidade com este importante eixo fluvial juntamente com os seus principais afluentes, no que a este território diz respeito, a Ribeira da Canhota e o Rio da Agrela, entre outros, é um factor importantíssimo no desenvolvimento desta região, das suas gentes e as suas actividades económicas e culturais.

Se à sua inserção geográfica na bacia hidrográfica do Ave juntarmos a particularidade de possuir águas de propriedades mineromedicinais temos então as duas principais premissas do desenvolvimento económico Taipense ao longo dos tempos.

Podemos então, de uma forma objectiva, resumir a base económica da freguesia de Caldas das Taipas em quatro campos base: a Agricultura; as Termas; as Cutelarias; o Comércio/Turismo. Todas elas têm (ou tiveram em determinados momentos) um denominador em comum: a Água.

Todas estas actividades tiveram maior ou menor importância no quotidiano da vila ao longo dos tempos, mas todas elas contribuíram e continuam a contribuir não só para a saúde económica da vila como também para a riqueza e diversidade cultural e de tradições de que dispõe nos dias de hoje.

[4] CALDAS das taipas. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caldas_das_Taipas.



Figuras 6 e 7

Da esquerda para a direita: Caldas das Taipas na região Norte, em comparação com o Grande Porto, Braga e Guimarães; Caldas das Taipas no Concelho de Guimarães e proximidade com Braga.

1.1.2.1 A Agricultura

Potenciada pelo aproveitamento da fertilidade das terras inseridas na bacia do Ave, a vertente agrícola de Caldas das Taipas vila terá sido (e continua a ser) um dos mais importantes factores de sustentabilidade e desenvolvimento económico da região.

Apesar de a vila ter registado um forte crescimento urbano nos últimos 20 anos, a região não perdeu as suas características rurais, sendo de referir o índice particularmente elevado de área de território ocupada por explorações agrícolas (mais de 80%) comparativamente com a média do concelho de Guimarães (56%).[5] Tratam-se, naturalmente, de pequenas explorações produtivas (fundamentalmente familiares), mas que, nesta região, se tornam fundamentais na sobrevivência quotidiana das populações.



Figura 8

Distribuição de campos agrícolas na proximidade do Rio Ave e do centro da vila.
Fotografia aérea.

[5] CACHADA, Armindo
– Caldas das Taipas –
Monografia e Roteiro Turístico.
1ª Edição. Caldas das Taipas:
Junta de Freguesia de Caldas
das Taipas, 2006. pág. 162

1.1.2.2 A Estância Termal

As propriedades terapêuticas das águas de Caldelas são um dos factores diferenciadores desta região em relação às demais freguesias do concelho de Guimarães. A tradição termal taipense remonta aos tempos imperiais romanos e ainda hoje é um ramo importante no quotidiano económico da vila.

Após um período de grande enfraquecimento, de degradação dos equipamentos e de perda de qualidade da própria água termal, que determinaram o encerramento dos banhos nos anos oitenta (séc. XX), a reabilitação da estância levou, a partir de 1986, a uma verdadeira agitação nas áreas afectas ao desenvolvimento turístico, com a intervenção de diversos agentes, nomeadamente no ramo da hotelaria, no comércio, nos equipamentos de lazer, na habitação e na saúde, entre outros.[6]

Após a reabilitação que permitiu às termas passar a funcionar ao longo de todo o ano e após se instalar no complexo termal um Centro de Medicina Física e de Reabilitação, a procura desta estância termal e consequentemente da vila das Taipas foi gradualmente crescendo, contribuindo substancialmente para o crescimento do turismo e comércio na vila.[7]



Figura 9
Instalações e equipamentos termais
Fotografia aérea.

[6] Ibid., pág. 159

1.1.2.3 O comércio e o Turismo

Assentando essencialmente na actividade termal e na indústria das cutelarias, o desenvolvimento da vila de Caldas das Taipas passa também por outras vertentes não menos importantes como o turismo e o comércio local.

[7] Ibid., pág. 160

Esta localidade possui um dos mais bem aproveitados conjuntos ribeirinhos de todo o concelho, com equipamentos de lazer que, nos meses de verão, atraem

diariamente e sobretudo aos fins-de-semana, centenas de pessoas para as piscinas, o parque de campismo, a praia fluvial e o vasto espaço do parque fluvial, que integra, entre outros equipamentos, um circuito de manutenção, campos de ténis e um recinto polivalente, para a prática de modalidades como hóquei, futsal e voleibol.[8]

Todo este dinamismo turístico e de actividades contribui para dinamizar o comércio, que nos últimos anos registou um desenvolvimento considerável, coincidente, também, com a forte expansão urbanística que a vila tem vindo a registar nos últimos anos.

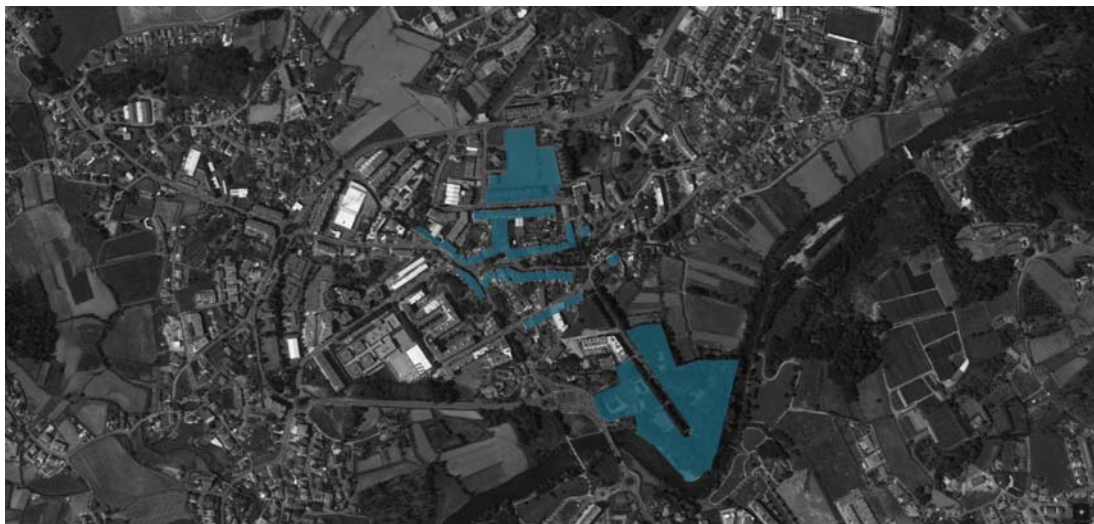


Figura 10
Equipamentos de turismo e comércio
Fotografia aérea.

1.1.2.4 Tradição industrial – As Cutelarias

A vila de Caldas das Taipas, juntamente com algumas freguesias adjacentes, constitui nos dias de hoje o principal pólo produtor de cutelarias de mesa da Europa, concentrando-se nesta área a quase totalidade de empresas nacionais de relevo deste ramo de produção industrial.

Empresas como a Cutipol, a Herdmar e a Dalper, são responsáveis pela maior fatia da produção total desta indústria, sendo a quase totalidade desta produção para exportação, factor esse que contribui para o reconhecimento internacional deste pólo produtor e das empresas em particular.

Apesar de a actual indústria de produção de cutelarias se apresenta altamente modernizada, com grandes complexos industriais na sua grande maioria afastados do centro da vila, esta é uma realidade relativamente recente. As primeiras “fábricas” cuteleiras, que remontam à década de 10 do século XX, não eram mais do que pequenas produções familiares que aproveitavam moinhos hidráulicos e os adaptaram às necessidades do trabalhar do ferro e do aço. A força da água terá sido assim o primeiro e principal motor na produção de cutelaria

[8] Ibid., pág. 160

pelo que a grande confluência de pequenos e médios cursos de água na região terá sido portanto um factor determinante para o vingar desta industria na vila.



Figura 11
Indústria Cuteleira: Unidades Fabris (não presentes)
Fotografia aérea.

1.1.3 O reflexo dos diferentes sectores económicos na vila

Como vimos anteriormente, para além dos serviços comuns a qualquer vila dos tempos correntes tais como serviços administrativos, bancos, correios, entre outros, os principais motores económicos da vila são a agricultura, a sua estância termal, a indústria cuteleira, o comércio local e o turismo. Tendo em conta a importância destes sectores no quotidiano da vida certamente as mesmas tiveram um papel preponderante do desenvolvimento urbanístico da vila, deixando as suas marcas ao longo dos tempos através de infraestruturas e equipamentos.

Analisaremos então a vila, mais concretamente o seu centro, de modo a perceber de que forma estes sectores económicos se fazem representar no seu tecido urbano nos dias de hoje.

Genericamente pode considerar-se o centro da vila como sendo constituído pela Avenida da Republica juntamente com a Alameda Rosas Guimarães e o tecido urbano imediatamente adjacente a estas artérias principais da vila.



Figuras 12 e 13

De cima para baixo: Principais espaços públicos (Avenida da República e Alameda Rosas Guimarães) e Rio Ave; Tecido urbano correspondente ao “centro” da vila

A Avenida da República contempla uma ampla praça pública ajardinada, orientada no sentido Este/Oeste e articula as estradas nacionais de ligação Guimarães/Braga e Famalicão/Póvoa do Lanhoso. De ambos os lados da praça resistem ainda alguns exemplos de construção habitacional uni e multifamiliar cujos andares térreos albergam pequenas e médias explorações comerciais que constituem uma parte considerável da base económica comercial taipense. No extremo Oeste da Avenida situam-se os equipamentos hoteleiros ligados à estância termal bem como as antigas instalações termais da vila, conhecidas como “Banhos Velhos”.



Figuras 14, 15 e 16
Perspectivas sobre o centro da vila (Avenida da República)

A partir do centro da praça, seguindo no sentido Sul em direcção à alameda Rosas Guimarães, passamos obrigatoriamente por um momento de articulação entre estas duas principais artérias da vila, que serve de “transição” entre os dois principais espaços públicos da vila. Dele faz parte um importante equipamento público que analisaremos mais aprofundadamente posteriormente: o Antigo Mercado da Vila.

A Alameda Rosas Guimarães, assim denominada em honra a Rosas Guimarães que terá cedido os terrenos que permitiram a implantação desta artéria de ligação do centro da vila ao parque fluvial, trata-se de uma avenida de

dimensões assinaláveis (cerca de 22 metros de largura por 400 de comprimento) constituída por duas vias de circulação rodoviárias com passeios pedonais laterais exteriores e um separador central pedonal ajardinado.



Figuras 17 e 18
Perspectivas sobre o centro da vila (Alameda Rosas Guimarães)

Ao longo da sua extensão fixam-se grande parte dos equipamentos turísticos e de lazer de que a vila dispõe, tais como piscinas públicas, campos de ténis, parque de campismo, ringue de hóquei, parque infantil e de merendas e circuito de manutenção inserido no parque fluvial bem como grande parte dos terrenos de produção agrícola de que a vila dispõe actualmente, que naturalmente se dispõem ao longo do eixo fluvial do Rio Ave.

Nesta pequena porção de território dito central da vila constituída pela Avenida e Praça da República juntamente com a Alameda Rosas Guimarães e os terrenos imediatamente por si articulados conseguimos portanto ter percepção das principais valias da vila, das suas vivências e tradições e acima de tudo dos sectores económicos que a movem nos tempos actuais, com excepção, curiosa e infelizmente, de uma actividade que nos tempos que correm assume uma importância vital para a economia da vila e para o seu crescendo reconhecimento nacional e internacional: a sua tradição industrial cuteleira.

Estranhamente, ao contrário da tradição termal, amplamente perceptível por

quem pela vila passa como um marco importante na sua história e economia, a tradição e o contexto industrial de que a vila dispõe é pouco evidente, tendo em conta o facto de se considerar hoje em dia a vila de Caldas das Taipas como “capital da cutelaria”, distinção essa corroborada pela presença de cerca de 15 entidades empregadoras, que vão desde pequenas empresas familiares até grandes indústrias exportadoras, calculando-se este sector económico como responsável por cerca de 800 postos de trabalho directos.[9]

[9] CACHADA, Armindo
– Caldas das Taipas –
Monografia e Roteiro Turístico.
1ª Edição. Caldas das Taipas:
Junta de Freguesia de Caldas
das Taipas, 2006. pág. 161

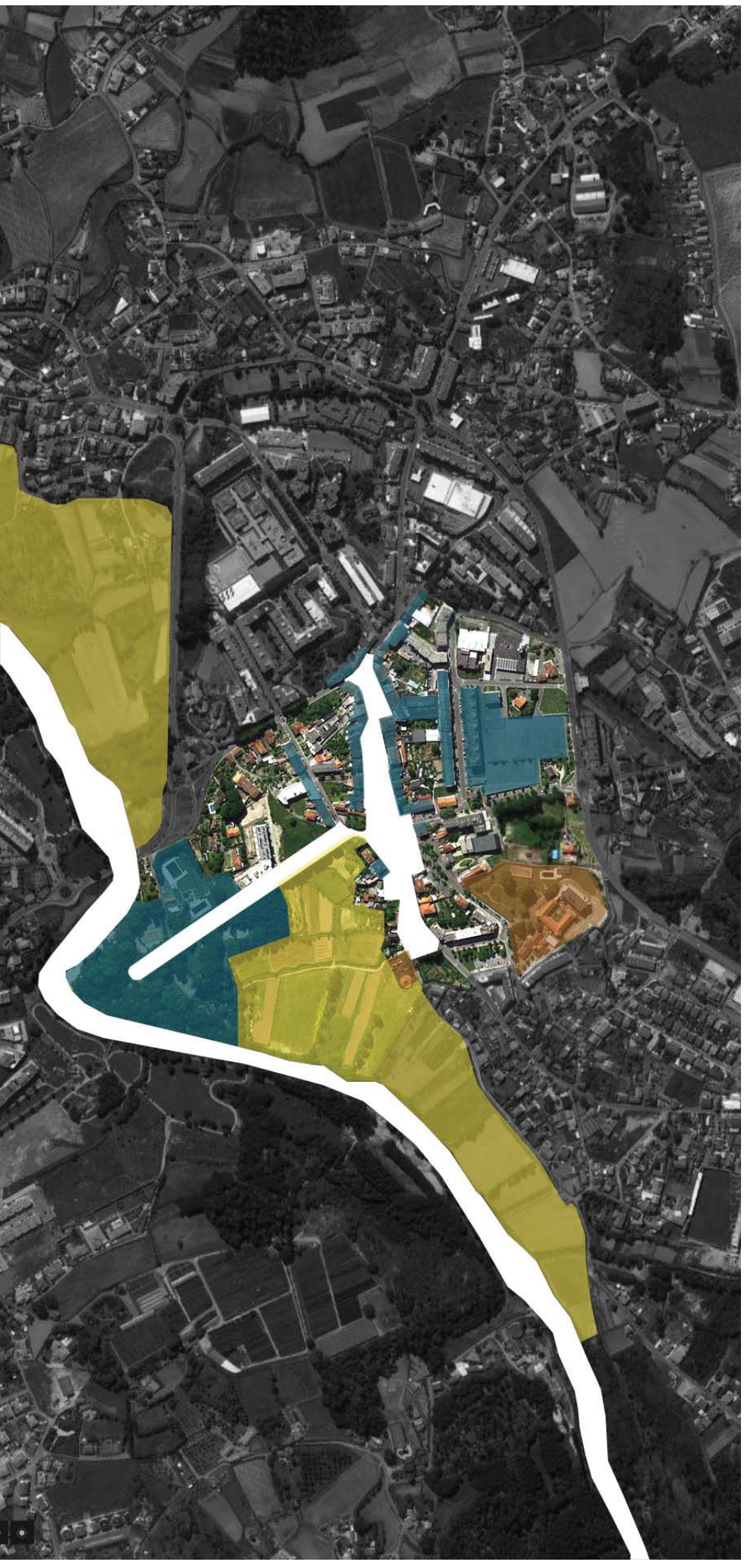


Figura 19

Esquema síntese de distribuições de áreas de sectores económicos e culturais no centro da Vila
Agricultura (amarelo); Termas (Laranja); Turismo e Comércio (azul); Cutelarias (ausente)

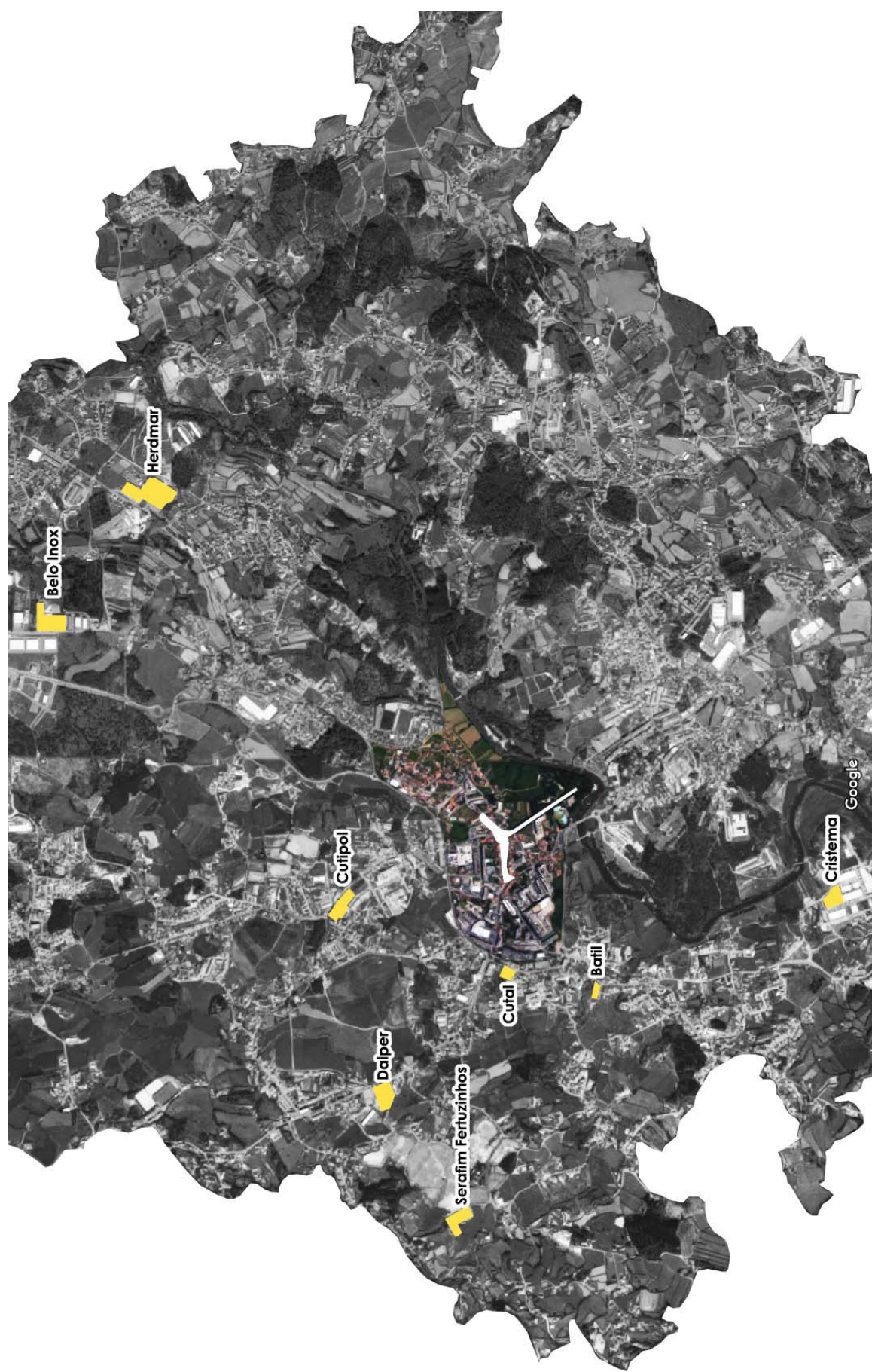


Figura 20
Actual distribuição das unidades fabris culeleiras nas Caldas das Taipas (amarelo)

Capítulo I

O Antigo Mercado

1.2.1 Enquadramento Histórico

Situado numa zona de articulação entre a Avenida da Republica e a Alameda Rosas Guimarães, o Antigo Mercado da vila compreende um espaço de cerca de 1038m² de área encerrado ao longo do seu limite perimetral por uma vedação em pedra e gradeamento em ferro forjado, gradeamento esse que outrora exercia funções de vedação no antigo jardim do Toural em Guimarães, compreendendo no seu interior um amplo espaço aberto de piso irregular calcetado e com a presença de nove árvores de grande porte e folha caduca.

Da data do projecto inicial muito poucos registos restam, chegando até nós apenas algumas datas. Consta que a 6 de Setembro de 1905, em plena monarquia ainda, a intenção de construção do mercado terá tido aprovação régio, juntamente com um orçamento de “dois contos e setecentos mil réis, que se destinariam então à construção da Praça do Mercado na povoação de Caldas das Taipas, freguesia de Caldelas. No entanto os trabalhos não terão arrancado antes de 13 de Março de 1911, já após a implantação da primeira república, data em que a câmara terá deliberado a aprovação de projecto e orçamento para a construção de uma Praça do Mercado na povoação de Caldas das Taipas, tendo o orçamento sido revisto para o valor de “mil contos e oitocentos mil réis”, em substituição do orçamento previamente aprovado em 1905.[10]

Em tempos, constituiu o principal local de trocas comerciais da vila, onde semanalmente diversos vendedores dos mais diversos produtos acorriam para escoar as suas produções. Com o avançar dos tempos e consequentemente com as alterações dos hábitos de consumo da sociedade e a cada vez mais apertada legislação no que a trocas comerciais de bens alimentares diz respeito, o mercado deixou de exercer as funções para as quais foi projectado, estando nos dias de hoje praticamente entregue ao abandono.

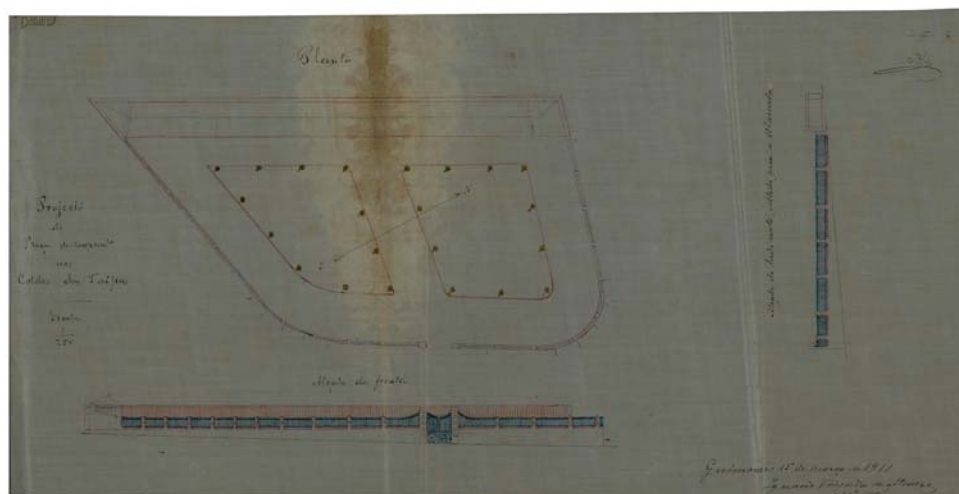


Figura 21

Planta e alçados referentes ao projecto do antigo Mercado da Vila de Caldas das Taipas (1911)

[10] CACHADA, Armindo
– Caldas das Taipas –
Monografia e Roteiro Turístico.
1ª Edição. Caldas das Taipas:
Junta de Freguesia de Caldas
das Taipas, 2006. pág. 161

1.2.2 Estado Actual

Como o próprio nome pelo qual é conhecido indica, o espaço que outrora albergou o principal mercado da vila não exerce, nos dias actuais, a função para a qual foi pensado.

Dos tempos em que efectivamente era um mercado, resta um conjunto de edificações situadas na extremidade Este do terreno do mercado que outrora albergavam vendedores fixos (na sua maioria talhos) bem como espaços de armazém. Hoje, esses espaços, os únicos passíveis de serem completamente encerrados, constituem armazéns da junta de freguesia que aí guarda os mais diversos utensílios e ferramentas de manutenção dos espaços públicos da vila.

O espaço descoberto do mercado, que compreende a grande maioria da sua área útil, serve também ele como depósito temporário de alguns utensílios e maquinaria e de alguns veículos.

Durante a maioria do tempo, o mercado desempenha portanto a função de “armazém ao ar livre”, com excepção para alguns eventos pontuais que se desenrolam no contexto das festividades da vila e alguns outros momentos também eles pontuais como comícios políticos e feiras sazonais, pela facilidade de controlo do espaço garantido pelo gradeamento perimetral do espaço.

O acontecimento deste tipo de actividades, mesmo que escassas, dão-nos pistas acerca daquele que poderá nos dias de hoje e no contexto particular da vila ser o programa de reabilitação para o espaço do antigo mercado. Pela sua posição privilegiada no tecido urbano da vila, entre os dois principais espaços públicos por excelência das Caldas das Taipas, e pelas valências e versatilidade do espaço que compreende, o mercado pode assumir um programa de utilização pública evidente, fortalecendo a transição entre a Praça da Republica e o Parque Fluvial, constituindo um equipamento multiusos, público, ao ar livre, para realização dos mais variados eventos culturais da comunidade.



Figuras 22, 23, 24 e 25
Perspectivas sobre o antigo Mercado da Vila (estado actual)

1.3 Conclusão

O presente trabalho tenta analisar, objectivamente, duas realidades: a ausência de uma referência à sua tradição industrial cuteleira no tecido urbano da vila, que será nos dias de hoje o principal motivo de reconhecimento da vila, nacional e internacionalmente e as potencialidades espaciais inexploradas do terreno do Antigo Mercado da vila enquanto espaço público por excelência.

Assim, parece clara, por um lado, a necessidade de actuar no espaço do Antigo Mercado da vila, no sentido de o tornar um espaço capaz de articular os dois principais eixos urbanos da vila. Um espaço público multiusos por excelência que sirva condignamente e com verdadeiras condições a comunidade.

Por outro lado, a intervenção ganharia uma pertinência acrescida se à anterior premissa aliarmos a este espaço um equipamento que consiga dotar o centro da vila de uma referência à indústria das cutelarias que preserve e divulgue a memória do património da indústria cuteleira.

Capítulo II

Contexto e Arquitectura:
Contextualismos no acto de
projectar em Arquitectura

2.1 Introdução

Originalidade é um termo usado frequentemente para descrever algo novo ou diferente, algo que nunca foi feito até à data. No entanto em Arquitectura, como praticamente em todas as disciplinas criativas, existe uma firme crença de que nada é produzido inteiramente do “zero”, nada de integralmente novo é efectivamente concebido, e de que tudo o que se concebe como “original” é na verdade não a descoberta de algo verdadeiramente novo mas sim a contextualização e interpretação de algo que, até um certo ponto, já existe ou existiu.

O acto de conceber algo “novo” em Arquitectura é sempre precedido de todo um trabalho de pesquisa e análise daquilo que designamos por “Estado da Arte”, ou seja, o levantamento do conhecimento produzido até à actualidade a propósito de determinado tema, não no sentido de replicar algo já concretizado mas sim no sentido de retirar o que de melhor se produziu em determinada área, com o intuito de perceber o que já foi feito, o porquê de ter sido feito e como foi feito. Apenas desta forma é possível produzir uma obra “nova”, ou seja, plena de intenção e informada, no contexto do Estado da Arte em Arquitectura.

Neste capítulo desenvolver-se-á uma análise que visa valorizar e contextualizar a proposta sob alguns princípios específicos, relativos à composição e linguagem arquitectónica e a sua relação com contextos físicos e culturais específicos.

Este capítulo pretende ser, através da análise de um conjunto de obras que se julgam pertinentes no contexto específico da proposta de projecto, um processo de exploração e descoberta que possibilite uma familiarização com as problemáticas e metodologias de abordagem que advêm do acto da criação arquitectónica. Pretende-se que a presente análise assuma não só o papel de sustentação teórica da proposta do projecto, mas também, de ponto de partida para o estabelecimento dos conceitos estruturantes para o mesmo.

2.2 Sobre o contexto em Arquitectura : Contexto enquanto gerador da ideia de projecto - Reflexo de contextos específicos na concepção arquitectónica

Independentemente da área de conhecimento em estudo, o desenvolvimento de um trabalho nunca dá de um modo em isolado, sem qualquer tipo de influência. Há sempre um contexto ou contextos em que ele se situa, e em que se estabelece uma relação com esse(s) contexto(s).

Toda e qualquer obra arquitetónica existe na presença de um contexto ou conjunto de contextos, sejam eles históricos, económicos, culturais ou simplesmente do local físico onde se inserem, para além do próprio contexto cultural arquitectónico contemporâneo. Estes contextos específicos acabam naturalmente por transmitir significados à obra arquitectónica (independentemente da tipologia programática da mesma) e, por sua vez, podem ver esses significados interpretados através da materialização da ideia de projecto que influenciaram.

Não raras são as vezes no entanto, em que se verifica exactamente o oposto do que se assumiu anteriormente. A alienação total ou parcial em relação ao contexto é por sua vez também, até um certo ponto, uma forma de contextualização da obra arquitectónica. O acto de alienação de um contexto específico pode em alguns casos ser uma estratégia ou ideia de projecto, e portanto, sendo a decisão plena de intenção e informação, é também ela um acto de contextualização.

Embora essas relações, ou falta delas, possam ser intencionais ou casuais, simbióticas ou de distanciamento, são as especificidades desse contexto e as maneiras pelas quais ele é interpretado que estabelecem o carácter único de uma obra arquitectónica. Para um determinado projeto, pode ser o contexto físico que se afigura como mais pertinente de se interpretar e valorizar. Para outro pode ser o contexto infraestrutural. Ou ainda o contexto cultural ou da tradição, ou o ambiental ou até o material.

Para o efeito de sustentação teórica da proposta de tese analisaremos no entanto apenas dois tipos de contexto e a forma como podem influenciar as ideias e decisões de projecto: o contexto do local (físico) e contexto do lugar (cultural).

Sob estes dois tópicos pretende-se analisar um conjunto de obras e a forma como o contexto onde se inserem influenciou a estratégia de projecto, nomeadamente a nível do conceito, do programa e da tectónica do equipamento.

2.3 Conceito

Sem Ideia, as formas são vazias. Sem ideias, a Arquitectura é vã. Seria pura forma vazia.

Alberto Campo Baeza

O termo conceito, num processo discursivo de projecto é frequentemente utilizado como alusão à ideia síntese desse projecto. Uma ideia forte o suficiente para se

tornar capaz de articular os mais variados elementos de uma obra de arquitectura. Um instrumento de coerência no acto de decisão, um conceito ou ideia apresenta-se como uma forma de pensar um projecto como um todo, evitando que o acto criativo se disperse por entre ideias desconectadas e isoladas. Trata-se de um elemento agregador, um rumo claro na hora de projectar. Uma ideia capaz de ser construída.

O surgimento de um conceito está geralmente relacionado com a articulação de um conjunto de simples ideias ou intenções derivadas de um contexto particular, no entanto o acto de transcrição de um simples conceito para um objecto construído resulta não raramente numa composição arquitectónica complexa.

A intenção clara de relacionar, quer seja numa perspectiva de aproximação ou distanciamento, e interpretar um contexto específico, seja ele físico ou cultural, pode portanto despoletar uma ideia de projecto, um conceito.

2.3.1 Contexto físico e contexto cultural - hierarquias contextuais na geração da ideia de projecto e estratégias de diálogo.

Em qualquer local existem atributos físicos que conferem uma identidade única ao contexto em que uma obra será implantada. Esta ideia foi mais notavelmente sintetizada por Christian Norber-Schulz na sua obra “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”, onde defende a existência de caracteres específicos do lugar, ou Genius Loci, “o espírito do lugar”.

Em geral, a natureza forma uma totalidade abrangente, um «lugar» que, segundo as circunstâncias locais, tem uma identidade particular. [11]

As estruturas existentes possuem características dimensionais e espaciais específicas (cérceas, larguras, volumetrias) e metodologias de materiais e sistemas construtivos. As diferentes topografias, naturais ou artificiais (planas ou inclinadas, macias ou duras), podem ser poderosas premissas no estabelecimento de um diálogo entre o objecto construído e o sítio. A própria envolvente próxima, mais concretamente o modo como o arquitecto pretende que ela seja depreendida, pode influenciar a organização e a disposição espacial de uma dada proposta, de forma a atingir uma composição mais ou menos abstracta relativamente ao contexto.

Uma composição arquitectónica, através de uma ideia de projecto, pode

[11] Christian Norber-Schulz,
Genius Loci: Towards a
Phenomenology of Architecture

portanto enfatizar ou ignorar contextos específicos do local, fomentar ou abolir o diálogo com os atributos físicos específicos de um determinado sítio.

Uma obra de inegável valor arquitectónico e que merece menção nesta análise da relação entre o contexto físico do local e o objecto construído é a “Casa de chá da Boa-Nova”, do arquitecto Siza Vieira, implantada na costa atlântica norte portuguesa, mais concretamente num maciço rochoso, em Leça da Palmeira.

Esta obra um exemplo da mestria do arquitecto Siza Vieira no que toca à articulação entre o “natural” e o “construído”, resultando as suas obras de uma relação íntima de quase perfeita simbiose entre o sítio e a obra.

O restaurante da Boa Nova foi um projeto importante para mim. (...) Se você olhar para o perfil do restaurante, é quase uma paralela direta ao perfil das rochas. Eu fiz o projeto sobre o sítio. Projetando cada pedra de uma maneira. Ou referindo-me diretamente às rochas. [12]

A forma de articulação entre os elementos naturais e construídos é semelhante à estratégia concebida para a implantação do complexo da piscina das marés (analisado mais à frente, sob a premissa da materialidade), sendo clara a atenção relativamente à paisagem envolvente na tentativa de minimizar o impacto visual por parte do construído na paisagem. Recorre-se, talvez pela necessidade de isolamento total do programa interior face ao exterior (o que não acontece na piscina das marés), a planos verticais caiados de branco, juntamente com o recurso a grandes extensões horizontais de vãos, acima de tudo no alçado que confronta o oceano e planos inclinados em direcções opostas em madeira que constituem as coberturas. O recurso aos planos inclinados de cobertura em madeira e a panos horizontais de vidro acentua a linha do horizonte fortemente marcada pela proximidade com o oceano e vinca de certa forma o carácter efémero da construção face à costa agreste e em constante mutação do atlântico, revelando o respeito, e de certa forma submissão, da obra à força implacável dos elementos naturais.



Figuras 26 e 27
Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira; Álvaro Siza, 1963

Num mesmo registo de estabelecimento de diálogos com o contexto físico através da ideia de projecto, podemos falar de uma outra obra de um arquitecto português: O centro cultural de Viana do Castelo, do arquitecto Souto Moura.

O centro cultural de Viana do Castelo foi concluído no ano de 2013 e está implantado em grande proximidade com centro da cidade, adossado à margem Norte do Rio Lima. Como o nome indica, é um espaço destinado a receber eventos culturais de grande escala, sendo o seu espaço multiusos altamente flexível, permitindo-lhe adaptar-se a qualquer tipo de evento que lá se pretenda desenvolver.

A mais facilmente destacável característica referente à linguagem arquitectónica desta obra em particular é forma como alguns dos elementos estruturais (nomeadamente os elementos metálicos) e as infraestruturas e equipamentos técnicos são deixados à vista pelo exterior do edifício. Vigas de metal, equipamentos de ar condicionado, condutas e tubagens variadas foram cuidadosamente deixadas expostas, atingindo-se no entanto um certo grau de homogeneidade na articulação de todos estes elementos através da sua pintura: todos estes elementos são, ou estão pintados, da cor cinza. A estratégia de exibição destes elementos remete-nos, embora de uma forma mais modesta e menos expressiva, para uma corrente arquitectónica emergente na década de 70 do século passado designada por “Arquitectura High-Tech” ou Expressionismo Estrutural, da qual são exemplo obras como o Centro Pompidou em Paris e o edifício Lloyd’s em Londres.



Figuras 28 e 29
Centro Cultural de Viana do Castelo, Souto Moura, 2013

Neste caso em particular, contrariamente à Casa de Chá da Boa Nova, não se procura uma relação tão estreita e simbiótica com a envolvente próxima. Busca-se uma relação com a “paisagem cultural”.

As partes artificiais do ambiente são, antes de tudo, “assentamentos” de escala diferente, de casas e fazendas a aldeias e cidades e, em segundo lugar, “caminhos” que ligam esses assentamentos, bem como vários elementos que transformam a natureza numa “paisagem cultural”. [13]

A ideia de projecto é concretizada através da relação de confronto que se estabelece entre a exibição dos elementos técnicos do equipamento, nomeadamente elementos metálicos (relacionados retoricamente com a imagem de indústria), com a tradição industrial naval da cidade de Viana do Castelo, bem perceptível pela disposição do cais, estaleiro naval, e outros equipamentos relacionados com a indústria naval, situados não só na margem Norte do rio, a Oeste do Centro Cultural, como também na margem Sul.

Em ambas as obras apresentadas anteriormente é perceptível a forma como o contexto físico, de um ponto de vista mais imediato e de outro mais abrangente, influenciou o conceito gerador da composição arquitectónica, a ideia de projecto, algo evidenciado, por parte da primeira obra, pelo extremo cuidado na dissimulação do construído na paisagem de inserção e pelo diálogo que se estabelece com a paisagem industrial do local por parte da segunda obra. No entanto, existem casos em que a estratégia conceptual no que à abordagem do contexto físico diz respeito passa pela quase total alienação desse mesmo contexto em favor de um outro tipo de contexto: O contexto cultural. A “Casa da Música”, da autoria de Rem Koolhaas, no Porto, é um desses casos.

[13] Christian Norberg-Schulz, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, p. 11

A “Casa da Música” trata-se de um equipamento público cultural de grande escala. É constituído por um corpo único essencialmente construído em betão armado e de volumetria irregular facetada.

O equipamento, quer a nível formal como do enquadramento com o contexto físico da envolvente próxima, assemelha-se de certa forma a um “asteroide” que aterrou praticamente no centro do terreno reservado à implantação do edifício, vincando assim o recurso a uma estratégia conceptual de descontextualização física, muito por culpa de um assumido carácter de imposição formal.



Figuras 30 e 31
Casa da Música, Porto; Rem Koolhaas (OMA), 2005

A materialização da “Casa da Música” deve-se essencialmente à nomeação da cidade do Porto como capital europeia da cultura, em 2001 (apesar de apenas ter sido concluída em 2005, quatro anos após o prazo inicial previsto de conclusão), e talvez por isso, por metaforicamente representar o concretizar de um marco importante no plano cultural da cidade, a estratégia conceptual terá passado por um desprendimento formal e material relativamente ao contexto local, como forma de atingir um papel de destaque e de ícone na cidade, acabando assim por marcar essa importante passagem na história de cidade. Assim, o equipamento define ele próprio um contexto particular, uma espécie de “farol cultural” em isolamento e desligado da envolvente, pelo quase inexistente diálogo que desenvolve com o contexto físico que o circunda.

Na obra “S, M, L, XL”, cujo arquitecto Rem Koolhaas é um dos autores, o mesmo explica como um equipamento público cultural deste género, pela sua escala, é capaz de criar o seu próprio contexto e defende que o contexto é inerentemente ignorado no desenho de grandes edifícios.

[14] KOOLHAAS, Rem; MAU, Brucré; WERLEMANN, Hans - *S, M, L, XL*, p.502

A grandeza já não faz parte de nenhum tecido urbano. Ela simplesmente existe; No máximo, coexiste. [14]

Um outro exemplo de descontextualização programada face ao contexto físico do local, em que um contexto cultural específico e a necessidade de o destacar e valorizar se sobrepõe a uma estratégia de adequação do diálogo entre o edifício e a sua envolvente física é a o Museu Judaico de Berlim, da autoria do arquitecto Daniel Libeskind.

A extensão do edificio original do Museu Judaico (1933) nasceu da vontade de valorizar a tradição judaica na cidade de Berlim, face aos trágicos acontecimentos infligidos na comunidade judaica aquando a Segunda Grande Guerra.

Esta pesada herança cultural acaba por ser a ideia geradora de projecto, juntamente com a vontade de ao mesmo tempo a valorizar, resultando o edifício num corpo único, estreito e longo, que ziguezagueia pelo terreno de implantação, transmitindo uma ideia de instabilidade pelas constantes mudanças abruptas de orientação do volume. O edifício, mais concretamente a materialidade empregue na conformação dos seus alçados é um reflexo da tentativa de materialização de premissas culturais muito fortes. Recorre-se acima de tudo a elementos de revestimento metálicos, resultando os alçados em grande e pesadas paredes de cor cinza. Ao mesmo tempo, o metal é violentamente rasgado por movimentos lineares finos, de geometrias e dimensões variáveis e aparentemente aleatórios que dinamizam os alçados e refletem a herança cultural do programa. Trata-se portanto de um edificio “pesado” e “violento”, pela forma como se impõe no terreno e no contexto do local, mas ao mesmo tempo ciente da herança que representa e é essa mesma herança cultural que o sustenta e contextualiza dentro da aparente descontextualização.



Figuras 32 e 33
Museu Judaico, Berlim; Daniel Libeskind, 1999/2001

Um forte caracter cultural pode portanto ser uma premissa valiosa no desenvolvimento de uma ideia de projecto, algo que sustente uma certa ousadia no que ao desprendimento relativamente a um contexto físico específico diz respeito como forma a atingir um plano de destaque, valorizando assim um evento, cultura ou tradição única de um lugar.

2.4 Programa

Um programa em arquitectura é, de uma forma simples, um conjunto de requisitos funcionais a que o edifício terá de responder.

O acto de delineação de um conteúdo programático em arquitectura é assim, por si só, um acto de contextualização face às necessidades e expectativas funcionais de um cliente específico e o seu orçamento relativamente a um determinado equipamento.

Desta forma, a adequação do programa de um determinado equipamento a necessidades específicas é vital ao seu correcto funcionamento.

2.4.1 Reflexo de um contexto específico na articulação funcional de um edifício e a ideia de dinâmica de movimento de um conteúdo programático.

A pertinência de um programa não fica contudo a dever-se unicamente a uma correcta articulação entre necessidades funcionais, expectativas e orçamento de um dado cliente. A contextualização de um programa face ao contexto geográfico do local onde será implantado determina também ela a adequação desse mesmo programa e a forma como foi pensado em relação à realidade em que se insere.

Um caso pertinente e que ilustra a relação simbiótica que se pode estabelecer entre a articulação de um programa arquitectónico e o lugar onde este se insere é a “Fallingwater House” (Casa da Cascata) do arquitecto Frank Lloyd Wright.



Figuras 34 e 35

Casa da Cascata, Pensilvânia (EUA); Frank Lloyd Wright, 1939

Trata-se de um dos mais significativos projectos do arquitecto norte-americano, reconhecida internacionalmente por se tratar de composição arquitectónica harmónica entre o lugar, conceito, programa e tectónica. Neste caso o programa, uma habitação unifamiliar, desenrola-se a nível infraestrutural a partir de plataformas aparentemente flutuantes que de certa forma mimetizam os planos horizontais de rocha natural sobre os quais a casa assenta e que servem de leito sobre o qual desliza ininterruptamente a água da cascata que dá o nome à casa.

A queda de água ergueu-se onde as camadas de rocha sobressaem na luz da profunda ravina, formando uma grande plataforma que quebra a queda de água quando esta corre de um nível superior para um inferior.

Wright continuou a composição da natureza de elementos horizontais e rochas maciças na grande depressão do vale. A casa é inteiramente composta de massas horizontais que parecem tão naturais aí como as rochas salientes da cascata, e os residentes vivem em quartos que sobressaem da água a correr. [15]

Outro caso curioso de adaptação do volume contruído ao lugar é a casa Bianchi em Riva San Vitale, na Suíça, da autoria do arquitecto Mario Botta.

Neste caso em particular a estratégia de implantação do programa não passa pela tentativa camuflar do objecto na paisagem através do mimetismo da forma natural mas sim pela adopção de um volume único paralelepipedico vertical colocado isoladamente numa encosta de declive acentuado. A articulação programática relativamente ao lugar onde se insere, neste caso em particular, é mais subtil e menos perceptível e atinge-se através do recurso a uma estratégia de deslocações verticais abrupta, conformada por um volume de escadas central em espiral, que percorre todo o programa habitacional e que nos faz tomar consciência, através do seu ritmo acentuado de deslocação, da envolvente natural próxima, com grandes e acentuados declives.

[15] *Steen Eiler Rasmussen, "Viver a Arquitectura", p. 65*



Figuras 36 e 37
Casa Bianchi, Riva San Vitale (Suíça); Mario Botta, 1973

Existe no entanto um outro elemento, aparentemente desligado da linguagem conceptual e tectónica do volume da habitação, que garante em última instância a adequação programática da casa: uma ponte metálica suspensa que conforma o acesso à casa. Este é de certa forma o elemento chave da composição. Sem este elemento aparentemente desligado das lógicas compositivas da obra seria impossível o acesso à casa, tornando todo o programa completamente inútil e desajustado. Um único elemento torna toda a composição viável. Mas há ainda outro aspecto que a inclusão deste elemento em particular confere a toda a composição: a noção de movimento.

Se no exemplo anterior, a “Casa da Cascata”, já era um pouco perceptível a noção de “movimento” atingido através das dinâmicas de flutuação das plataformas que comportam o programa da habitação, neste caso da casa em Riva San Vitale, a inclusão de um braço que se estende entre a casa e o solo natural de uma encosta com o único propósito de servir de acesso pedonal é uma clara tentativa de transmitir dinâmica a uma composição formal fortemente estática e racional. É a noção de movimento, através do recurso a estratégias, programas ou elementos que acentuam o carácter transitório dos espaços que transforma os corpos arquitectónicos, naturalmente estáticos, em obras de arquitetura complexa e dinâmica.

As dinâmicas de movimento através de um edifício ou de um espaço são uma forma de enfatizar a experiência decorrente do seu percurso, de orientar o corpo em relação a diferentes enquadramentos, quer do próprio edifício ou da sua envolvente próxima. E enquanto os espaços arquitectónicos e urbanos são tipicamente estáticos, é o movimento gerado através deles que constrói um ambiente aparentemente em constante mudança.

O alcance destas dinâmicas de movimento está normalmente relacionado com a inclusão de elementos tectónicos como rampas, pontes ou passadiços, que contrariem a natureza estática dos espaços construídos e os tornem em espaços híbridos, cuja função se baseie na experiência do espaço através do movimento

do corpo humano.

Um exemplo claro desta estratégia de dinamização de um espaço que por norma se concebe como estático através da noção de movimento é o espaço expositivo do museu Guggenheim em Nova Iorque (1959), outra das obras do já citado arquitecto norte-americano Frank Lloyd Wright.

Nesta obra, o espaço de circulação e espaço expositivo encontram-se fundidos. Uma grande rampa em espiral conforma a quase totalidade do programa do equipamento. No seu centro, resultante da sua morfologia espiralada, conforma-se um grande átrio interior e o seu aspecto exterior é também ele caracterizado pela forma cilíndrica conferida pela rampa que organiza o programa. Assim, todo ou practicamente todo o seu conteúdo programático é caracterizado pelo recurso a um elemento dinâmico, a rampa, enquanto organizador de espaço, que acaba por transmitir uma noção de movimento a todo o edifício.



Figuras 38 e 39
Museu Guggenheim, Nova Iorque; Frank Lloyd Wright, 1959

Na mesma linha de exploração das dinâmicas de movimento está o SESC Pompéia em São Paulo, Brasil, da arquitecta brasileira Lina Bo Bardi.

O equipamento é composto por três volumes (construídos de raiz, entre outras infraestruturas reabilitadas), de geometria e altimetrias variáveis, construídos integralmente em betão armado aparente. A sua materialidade, juntamente com as formas geométricas mais ou menos racionais e os relativamente poucos vãos, tornam os volumes que o compõem altamente rígidos e estáticos, aspecto esse que é contrariado graças à concepção de uma espécie de “teia” de tramos de circulação pedonal suspensos entre dois dos volumes, mais concretamente 7 tramos, em alturas diferentes, que atravessam o espaço deixado vazio pela implantação de dois dos volumes do complexo. Cada um dos tramos apresenta uma largura de dois metros e uma guarda de 1,20 metros.



Figuras 40 e 41
SESC Pompéia, São Paulo; Lina Bo Bardi, 1986

A dinâmica de movimento é atingida pela constante circulação de atletas, que utilizam os passadiços como forma de transição entre o volume de balneários e o volume que acomoda o recinto desportivo, transformando os tramos suspensos numa espécie de “passerelle”, com os atletas a disfrutarem de uma vista privilegiada sobre os espaços públicos térreos do complexo e aos mesmo tempo possibilitando aos transeuntes observar o constante vai e vem de atletas, gerando então esta articulação do programa movimento que traduz uma dinâmica que contraria as formas e a materialidade estática dos volumes construídos.

Um último exemplo da articulação programática como forma de contrariar a estaticidade da forma arquitectónica consiste num simples *landmark*, cuja única função programática se prende com o papel de observatório. Falamos do Lausitzer Seenland landmark, concluído no ano de 2010, da autoria do arquitecto Stefan Giers.

Trata-se de uma torre/observatório com cerca de 30 metros de altura construída integralmente em metal, com estrutura em aço e alumínio e revestimento integral em aço corten. A grande particularidade deste projecto prende-se com a percurso de ascensão até ao ponto mais alto da torre, tornado possível através da conformação de passadiços e escadas cuja orientação é variável, permitindo a quem o acessa vislumbrar a paisagem circundante a partir de inúmeros pontos de vista, até ao culminar da “viagem” no topo da torre. Este movimento deambulatório de ascensão, por permitir o enquadramento de diferentes pontos da paisagem, transmite a quem experiencia uma sensação de dinâmicas de movimento num corpo e programa arquitectónico tipicamente estático.



Figuras 42 e 43
Lausitzer Seenland, Alemanha; Stefan Giers, 2010

2.5 Tectónica

Podemos definir “tectónica” como a materialidade e potencial de expressão construtiva em arquitectura, mas não somente se resume tal conceito ao emprego de determinados materiais em determinadas ocasiões como também à forma como um dado material é empregue, de tal forma que os métodos construtivos se transformem também eles num meio de expressão do próprio material em questão, influenciando a forma como percebemos e sentimos os mais variados ambientes.

Os materiais e a forma como são empregues estão intrinsecamente relacionados com o carácter fenomenológico de um objecto arquitectónico. Apesar de serem elementos concretos e mensuráveis do mundo físico, os materiais contêm o poder de transfigurar os diferentes espaços e os seus significados dentro da mesma obra. O material permite ao arquitecto conformar espaços mais ou menos confortáveis, a diferenciar espaços de estar de espaços de transição, espaços mais ou menos iluminados, consoante as necessidades ou intenções.

2.5.1 A materialidade imbuída de conteúdo narrativo – Estratégias de dissimulação e destaque e noções de efemeridade das características materiais.

A materialidade não está somente relacionada com a conformação de espaços de um objecto arquitectónico e com as características que lhes confere.

A escolha de materiais e definição de sistema construtivos, estão também na origem das premissas conceptuais do projecto. É através destes que se consegue estabelecer uma ponte entre a “ideia” e o “construído”, cabendo à materialidade um papel importante no estabelecimento (ou não) de diálogos entre o contexto de um local e o objecto construído. Por outras palavras, o contexto da materialidade em arquitectura pode ser um contexto amplo no que toca à sua interpretação. Pode, pelas suas características físicas, apenas desempenhar um papel de devida adequação de desempenho em função de um determinado espaço, como também um papel metafórico, inserido numa estratégia de narrativa de um conceito geral do edifício.

(...) A materialidade pode realmente tornar as atmosferas explícitas - ela pode chamar a atenção e amplificar a sensibilidade em volta de uma atmosfera particular. Todos os materiais têm conteúdo psicossocial, e o material certo pode tornar a atmosfera aparente, dando-lhe uma trajetória, tornando-a quase tangível. (...)[16]

A materialidade de uma obra carrega significados através da incorporação de materiais tradicionais, metodologias e processos construtivos de um determinado lugar, bem como através dos aspectos menos tangíveis como programa e cultura.

Em suma, abordam-se neste capítulo duas formas de tratar a materialidade num edifício: pensando a materialidade sob o ponto de vista da contextualização da obra em relação ao lugar, numa lógica de estabelecimento de diálogos de semelhança, aproximação, distanciamento ou provocação ou sob o ponto de vista metafórico, onde a materialidade assume um carácter mais abstracto no diálogo, no sentido de dar mais ênfase a uma narrativa contada pelo próprio edifício.

Um dos exemplos mais óbvios da estreita relação de diálogo que se pode estabelecer, através da materialidade, entre um sítio específico e um objecto construído é a Piscina das marés, em Leça da Palmeira, do arquitecto Álvaro Siza Vieira.

A “Piscina das marés”, construída na década de 60 do século passado, é um exemplo perfeito do estreito diálogo que se pode estabelecer com um contexto físico em específico.

[16] Olafur Eliasson,
*Architectural Atmospheres: On
the Experience and Politics of
Architecture*, p. 95

Situada na costa atlântica norte portuguesa, no areal da praia de Leça da Palmeira, a sua cuidada implantação, tanto da piscina como dos equipamentos de apoio, revelam uma clara intenção de dissimulação dos volumes construídos, numa tentativa de camuflar os equipamentos na paisagem, revelando a delicadeza e respeito do arquitecto pelo contexto específico do local.



Figuras 44 e 45
Piscina das marés, Leça da Palmeira; Álvaro Siza, 1966

Os materiais utilizados, o betão, a madeira pintada com óleo queimado e o cobre, bem como a forma como são aplicados, são aspectos preponderantes no enquadramento conceptual e formal da obra, adquirindo simultaneamente papéis aparentemente contraditórios na formalização da proposta.

(...) Foi também um exercício muito bom na medida em que o sítio era muito exigente para a arquitetura. No inverno o mar é muito forte. Assim, uma arquitetura delicada e não suficientemente essencial em si teria sido destruída. [17]

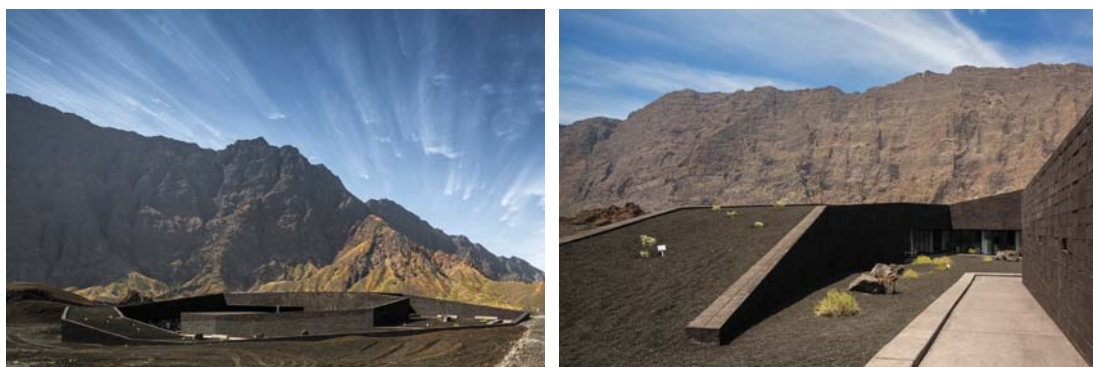
Se por um lado a brutalidade dos materiais empregues e o seu aspecto cru ajudam na dissimulação das formas do construído por entre o que é natural, convidando-nos a reflectir atentamente sobre o que é realmente intervencionado e aquele que é o lugar no seu estado “puro” e contribuindo para um enquadramento final da obra assinalável, por outro, a forma como os materiais são empregues, a textura áspera e profunda do betão, a rugosidade da madeira e o envelhecimento e reacções ao clima característicos do cobre dotam a obra de uma personalidade muito própria, dura e assumidamente vincada, fazendo de certa forma frente à adversidade particular da proximidade com o Atlântico, chamando à atenção para

[17] Álvaro Siza, *Global Architecture – Document Extra: Álvaro Siza*, p. 21

o seu carácter erosivo.

Ainda no registo da concepção material de um edifício enquanto forma de enquadramento e até dissimulação do mesmo num local muito particular, temos o exemplo do edifício do Parque Natural do Fogo (2013), em Cabo Verde, do colectivo de arquitectos OTO.

Situado na caldeira vulcânica da ilha do fogo em Cabo Verde, este edifício de programa cultural e de apoio à manutenção da área protegida em que está implantado busca uma contextualização através da materialidade que o conforma, mais concretamente o material de revestimento. Inserido dentro de uma paisagem tipicamente vulcânica recente, tipicamente negra e estéril (mas com grande potencialidade de fertilidade), o edifício é integralmente revestido com placas de pedra basáltica, ajudando este material a dissimular e diluir a volumetria do construído na paisagem, fazendo com que o impacto da sua construção seja



Figuras 46 e 47

Edifício sede do Parque Natural do Fogo, Cabo Verde; OTO, 2013

Num outro registo de selecção da materialidade, neste caso sob o ponto de vista do papel activo que um material pode desempenhar na narrativa de um contexto que o edifício está encarregue de valorizar, podemos falar do caso do Museu do Fogo, em Zory, Polónia, do colectivo de arquitectos OVO.

Este edifício de carácter cultural construído em Zory, uma cidade próxima da fronteira polaca com a República Checa e Eslováquia e cujo nome significa “fogo” ou “queimado”, reflecte o aliar da escolha material à ideia de projecto ou conceito gerador do equipamento. Mais uma vez através do material de revestimento, neste caso um revestimento metálico, o cobre, o edifício exprime uma vontade de contextualização da narrativa de que está encarregue.



Figuras 48 e 49
Museu do Fogo, Zory (República Checa); OVO, 2015

O cobre, pelas suas características plásticas e texturais (de cor alaranjada e altamente reflector da luz) oferece ao edifício a possibilidade de se assemelhar a labaredas, e até a disposição dos painéis metálicos, sob várias orientações, confere uma imagem aleatoriedade e inconstância que se atribui às chamas de um fogo. À noite, sob as luzes artificiais, o edifício ganha ainda mais dinâmica, pela multiplicidade de reflexos, de vários pontos, que que o material possibilita.

A estratégia conceptual não passa neste caso pela tentativa de enquadramento, através da dissimulação material, em relação a um contexto físico próximo mas sim o oposto. Prende-se que o equipamento se destaque, atraindo atenções, valorizando peremptoriamente um contexto cultural específico.

2.5.2 Reacção ao tempo e com o tempo – sobre o comportamento e inevitabilidade da transformação material

(...) Materiais naturais - pedra, tijolo e madeira - permitem que nossa visão penetre em suas superfícies e nos permitam convencer-nos da veracidade da matéria. Materiais naturais expressam a sua idade e história, bem como a história das suas origens e sua história de uso humano. Toda a matéria existe no contínuo do tempo; A patina de desgaste acrescenta a experiência enriquecedora do tempo aos materiais de construção (...) [18]

Toda e qualquer estratégia conceptual no que à materialidade diz respeito é no entanto inútil se não se levar em conta o carácter efémero de um material, quer ao nível do seu desempenho técnico como do seu desempenho estético.

Qualquer pessoa é capaz de entender o carácter de efemeridade que caracteriza um determinado material. O tempo de vida de um dado material é determinado pelas suas qualidades físico-químicas e pela modo e circunstância em

[18] Juhani Pallasmaa, *The eyes of the skin*, p.31

que é aplicado, ou seja, se está mais ou menos exposto aos agentes atmosféricos, os principais agentes de transformação e em última instância deteriorização do material.

Qualquer material está sujeito a mais ou menos desgaste. Os materiais inorgânicos como a pedra e o metal são normalmente mais resistentes e duradouros enquanto os materiais orgânicos como a madeira ou o tecido se desgastam e transformam com mais rapidez. Ao arquitecto cabe a missão de entender não só a noção de que todo e qualquer material está sujeito a transformações mas também a missão de interpretar essas transformações e as utilizar a seu favor.

É importante para o arquitecto entender que o fim do processo de construção é apenas o início de uma serie de processos de transformação do material, decorrente da sua degradação, que na maioria dos materiais pode ser antecipada. No limite mínimo da transformação, a maioria dos materiais muda de cor ou textura quando molhado. No entanto, alguns materiais são muito mais reativos, com transformações que podem ser bastante acentuadas, como no caso do cobre que muda de castanho avermelhado para verde e com aço cor-ten que oxida controladamente ao longo do tempo e condições de exposição à humidade e luz solar, resultando deste processo uma camada superficial de ferrugem que protege o material da corrosão total.

Assim, é importante entender este desgaste como um processo natural e impossível de ser contrariado. Quanto muito, pode ser retardado. As transformações nos diversos materiais que compõem uma obra acabarão por ocorrer, e a incorporação desta noção da questão temporal na vida útil do edifício e dos materiais que o compõem na estratégia conceptual, a noção de que a obra reage ao tempo e com o tempo, contribui para o “bom envelhecimento” de uma obra e a sua pertinência ao longo do tempo.

2.6 Conclusão

O presente capítulo, ao longo do qual se analisam múltiplas obras sob o ponto de vista genérico do contexto arquitectónico, permite-nos depreender alguns modos de pensamento e actuação dos arquitectos face a contextos físicos e culturais específicos, dando-nos pistas formais sobre como abordar o acto de projectar em função de questões da morfologia do local e da envolvente e de tradições ou culturas específicas de um lugar, no sentido de focar as opções projectuais em função de uma determinada premissa específica.

Através da análise de desenvolvida ao longo do presente capítulo foi-nos possível recolher inúmeros exemplos de estratégias conceptuais, de aticulação programática e de opções tectónicas que acabam por nos munir de soluções ou pistas para uma adequada actuação na hora de projectar, servindo portanto o capítulo que agora termina não só de sustentação teórica para as opções projectuais tomadas ao longo do trabalho de projecto como também de ponto de partida para essas mesmas opções.

Capítulo III

Projecto de Arquitectura

3.1 Introdução ao Projecto

O tema apresentado como mote para a presente tese de mestrado tem como principal objectivo a proposta de um equipamento de cariz público que vise a valorização do património industrial cuteleiro da vila de Caldas das Taipas: o Centro Interpretativo da Cutelaria (CIC).

A herança cultural de uma região pode ser depreendida através das actividades sócio-económicas que lá se desenvolvem ao longo dos tempos.

Num território de tão pequena escala como o território nacional português essas particularidades regionais verificam-se cada vez mais diluídas devido a políticas de gestão globais que pouco fomentam a preservação da cultura regional de cada lugar. Torna-se por isso fundamental o desenvolvimento de estratégias que permitam a conservação das tradições específicas dos lugares, assim como a sua valorização.

Num contexto económico nacional cada vez mais dependente do turismo, esta valorização regional poderá verificar-se fundamental no potenciamento e rentabilização do turismo e da economia que o mesmo gera, alargando os pontos de interesse para além dos grandes centros urbanos.

Nesta lógica de potenciamento turístico regional, os centros interpretativos poderão assumir um papel preponderante na valorização da cultura e da tradição, gerando interesse e destacando tradições particulares e próprias de um determinado lugar e ao mesmo tempo valorizando-as.

Um centro de interpretação, ou centro interpretativo, é uma instituição de difusão do conhecimento do património natural ou cultural. Os centros de interpretação, ao contrário dos museus tradicionais, geralmente não visam colectar, conservar e estudar objetos; tratam-se de equipamentos especializados em comunicar o significado do património, fomentando a educação e o interesse em torno de um determinado assunto, podendo por isso tornar-se um importante factor de desenvolvimento do turismo na região em que se insere. Torna-se especialmente pertinente o recurso a centros interpretativos em regiões ou municípios essencialmente rurais, onde o estabelecimento de um museu de larga escala se tornaria incomportável pelos imensos recursos que a sua manutenção requer.

Tem também, como objectivo paralelo, uma proposta de requalificação da antiga Praça do Mercado, situada no centro da vila, onde se propõe a implantação do CIC. Este objectivo paralelo surge essencialmente da necessidade de implantar o CIC num ponto central da vila, potencializando o seu impacto na dinamização do centro e eventualmente no turismo da Vila. A centralidade da praça do

mercado permite ainda ao CIC tornar-se uma referência para um importantíssimo sector de actividade económica que se afigura cada vez mais periférico, devido às necessidades crescentes de espaço e de qualidades de acesso que as actuais unidades fabris requerem.

O reconhecimento da tradição industrial de Caldas das Taipas ficaria assim bem patente no centro da Vila, servindo como “montra” para uma indústria cuja a importância regional e até nacional é por vezes invisível por quem pelas Caldas das Taipas transita.

Capítulo III

O Antigo Mercado

3.2.1 A praça do Mercado – proposta de requalificação

No seguimento das problemáticas identificadas no anterior capítulo torna-se clara a necessidade de desenvolvimento de um plano de potencialização das qualidades espaciais inexploradas do terreno do Antigo Mercado da vila enquanto espaço público por excelência. Neste sentido a principal premissa de actuação prender-se-á com a permeabilidade do espaço.

O encerramento perimetral do mercado, conseguido através de um gradeamento de dimensões consideráveis, apresenta-se como uma barreira física intransponível, resultando o espaço interior por ele conformado como uma autêntica “ilha” no centro da vila. Se outrora o gradeamento constituía uma forma de encerramento do espaço essencial ao desenvolvimento das actividades para as quais terá sido pensado, nos dias de hoje constitui um entrave à leitura da praça enquanto espaço público.

Actualmente, a transição entre a Praça da República e a Alameda Rosas Guimarães fica a dever-se a um arruamento rodoviário denominado de “Praceta Ferreira de Castro”, que surge no encadeamento da Rua Padre Silva Gonçalves, rompendo a Avenida da República ao encontro da Alameda rosas Guimarães. O arruamento Ferreira de Castro compreende circulação rodoviária e pedestre, e possui uma largura de cerca de 9 metros, dos quais 7 estão reservados à circulação automóvel. Sendo este o único momento de articulação e transição entre os dois mais importantes espaços públicos da vila, torna-se óbvia a necessidade de actuar no sentido de valorizar esta transição tão importante no seio da vila.

Desta modo a remoção do gradeamento da praça do mercado, permitiria tornar o espaço permeável à circulação pedestre, conferindo ao momento de articulação a escala acrescida de que necessita, passando o momento de transição a dever-se a um espaço público complementar de união e não apenas a um arruamento.

O seguinte ponto de actuação prende-se com a revisão do espaço reservado à circulação automóvel tendo como base de intervenção o desajuste e desaproveitamento do espaço reservado a essa mesma circulação no topo da Alameda.

A Alameda Rosas Guimarães caracteriza-se pela suas dimensões pouco usuais em territórios nacionais. Os seus 22 metros de largura por cerca de 400 de comprimento constituem um eixo de ligação entre o centro da vila e o Rio Ave de escala considerável e por isso, a sua articulação com o restante tecido urbano da vila resulta numa quantidade considerável de espaço não qualificado, mais

concretamente o seu topo Norte, onde se interliga com o arruamento da Praceta Ferreira da Castro e a rua António de Barros.

Deste contacto entre arruamentos de escalas completamente dispares resulta um espaço não qualificado de dimensões assinaláveis, que actualmente serve de estacionamento, não sendo no entanto desenhado como espaço para tal fim. Em determinadas alturas a confluência de automóveis neste espaço é tal, que chega a condicionar o próprio trânsito, conformando uma autêntica rotunda.

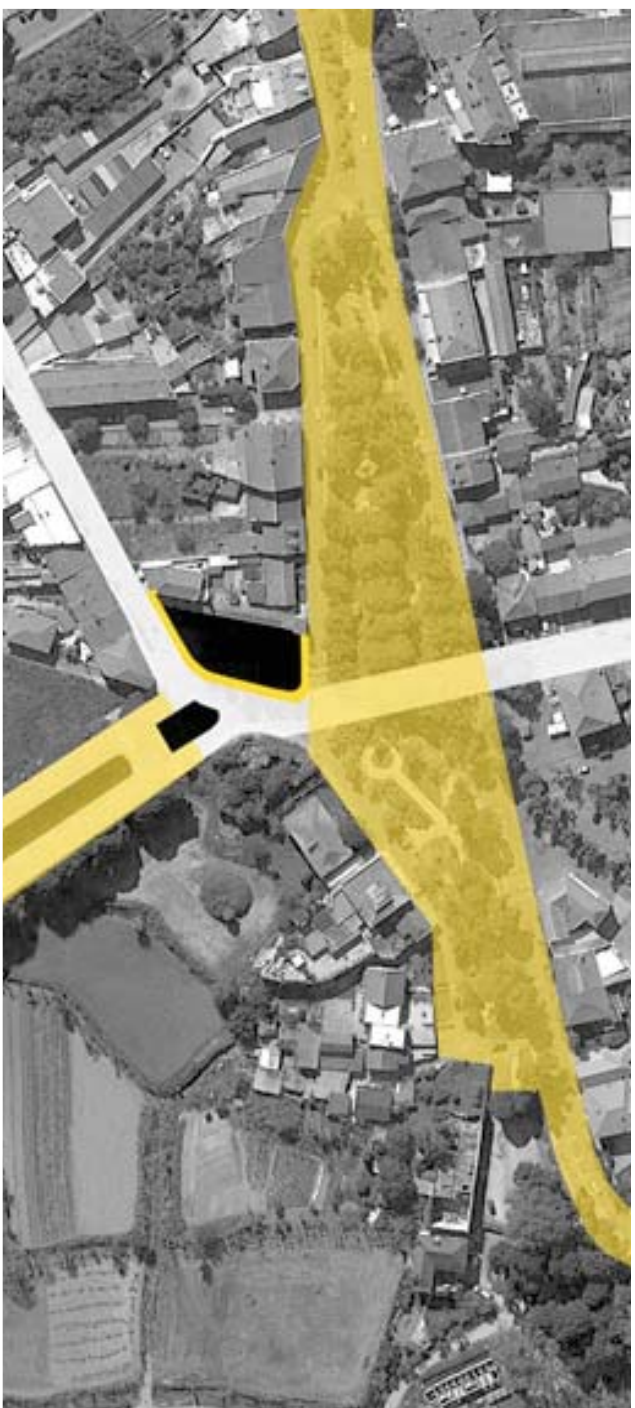
Ora a revisão da circulação automóvel neste ponto permitiria um reaproveitamento do espaço para fins de espaço público qualificado, permitindo nomeadamente à Praça do Mercado um crescimento assinalável, dando assim mais à ênfase à circulação pedestre comparativamente com a excessiva importância que se atribui nos dias de hoje à circulação automóvel.

Analisando as imagens seguintes (fig. 50 e 51) conseguimos depreender do ponto de vista geral as alterações no tecido urbano que seriam levadas a cabo a fim de tornar a transição entre a Avenida da República e a Alameda Rosas Guimarães mais desafogada, tendo a praça do antigo mercado um papel fulcral nesta intervenção, assumindo a função de espaço público intermediário nessa mesma transição.

Na figura 50 conseguimos observar os espaços públicos subaproveitados (manchas negras), nomeadamente a praça do mercado e o espaço já acima referido que serve como estacionamento no topo da Alameda, bem como a vedação responsável pelo encerramento actual da praça do mercado (amarelo opaco). Seriam essencialmente estes os pontos a rever e a sofrerem alterações no plano de requalificação.

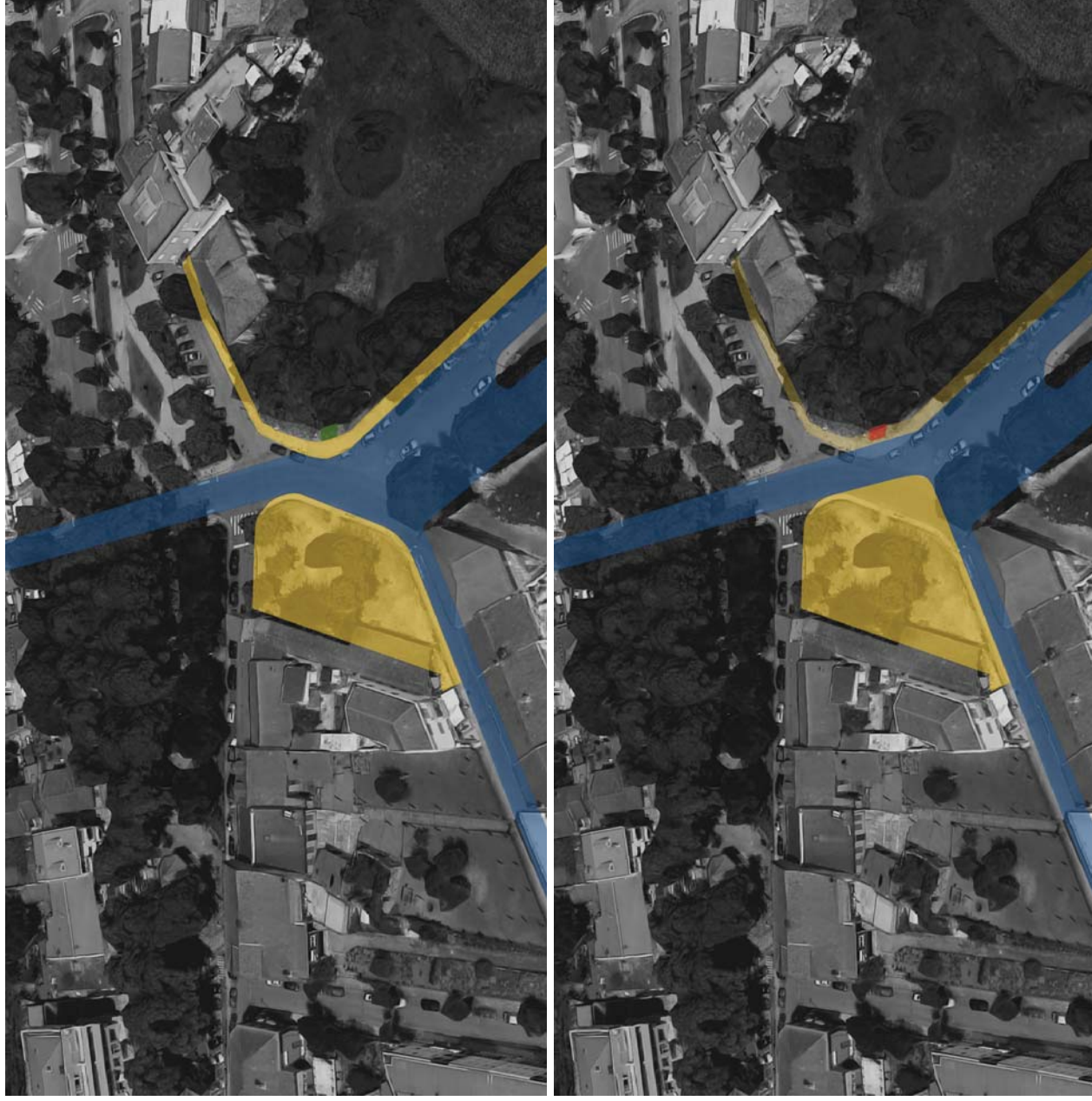
A vedação seria removida, resultando a praça do mercado num espaço público permeável de articulação entre a Avenida e a Alameda e a circulação automóvel seria revista, removendo o estacionamento precário que se vem verificando, organizando o trânsito automóvel de forma a que permita um alargamento do espaço actual da praça, alargamento esse que se afigura vital para a posterior implantação da proposta do “Centro Interpretativo da Cutelaria” sem que para esse fim se perca a preciosa área útil actual da praça do mercado.

O resultado final seria uma praça do mercado completamente transitável, com uma área útil de cerca de 1133m² (em comparação com a actual área útil de cerca de 868m²), aos quais posteriormente se subtrairiam cerca de 260m² (dos quais 97m² constituem espaço não construído e transitável), com vista à implantação da proposta para o CIC.



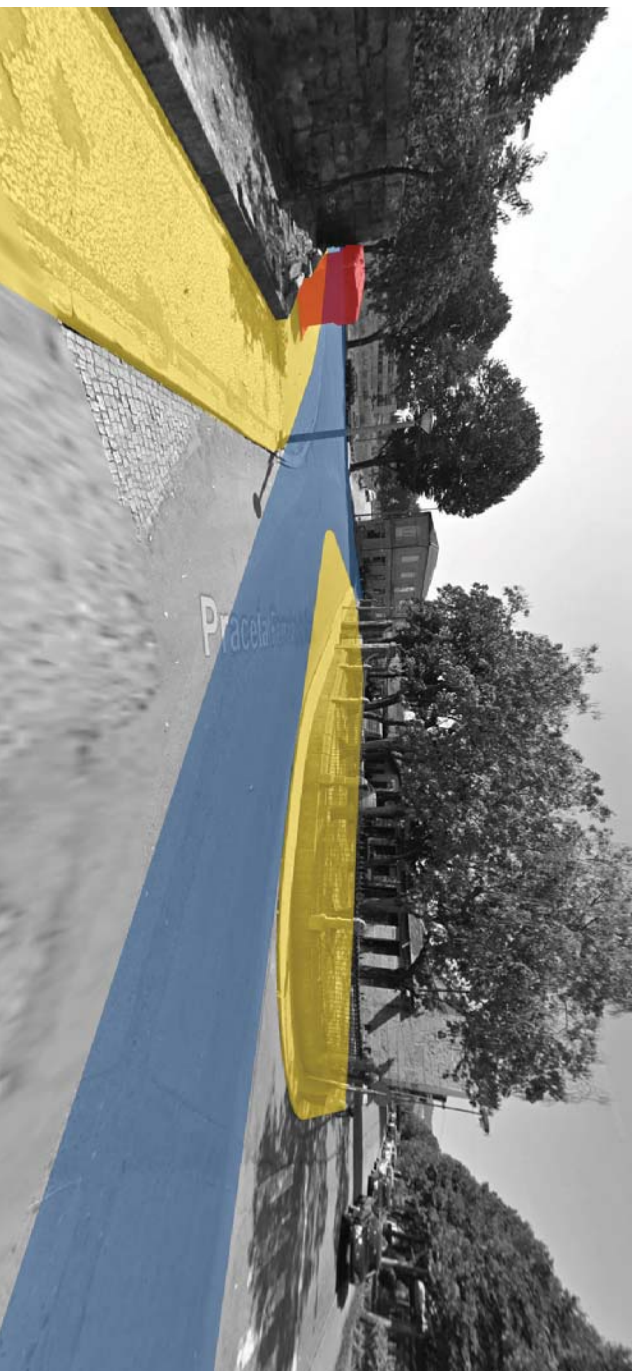
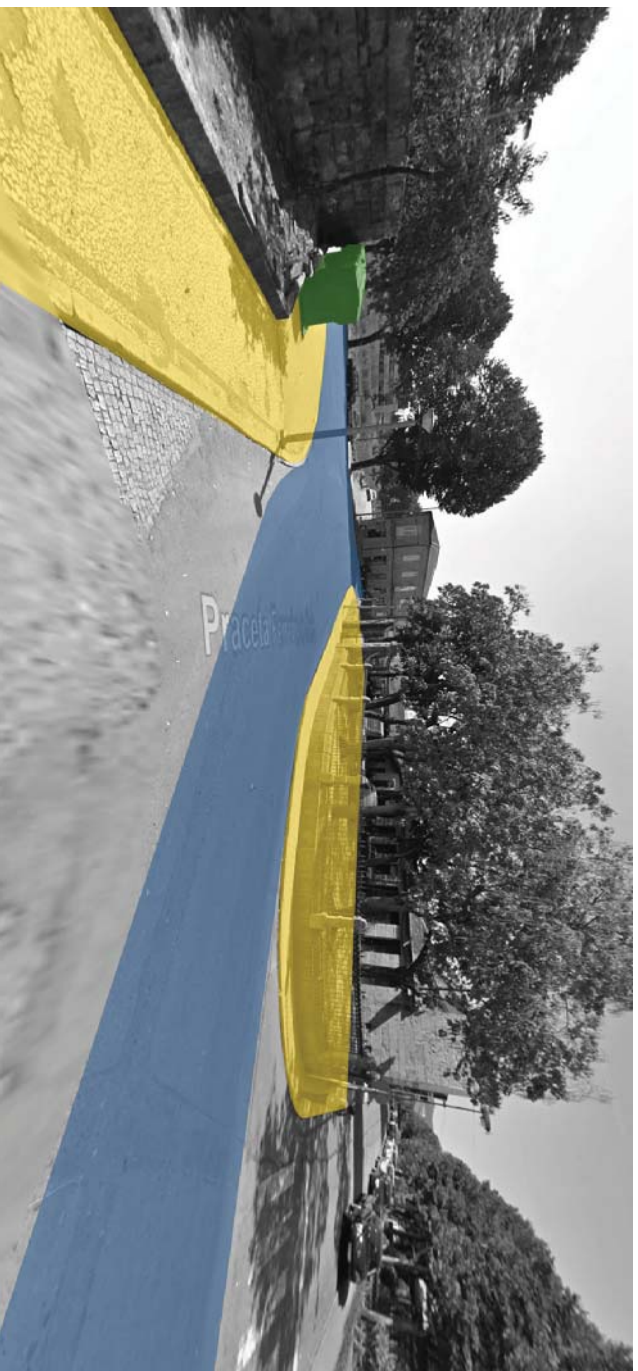
Figuras 50 e 51

Da esquerda para a direita: Limites e organização actual do antigo mercado e eixos rodoviários; Esquema da proposta de alteração do espaço da praça do mercado e reorganização dos eixos rodoviários



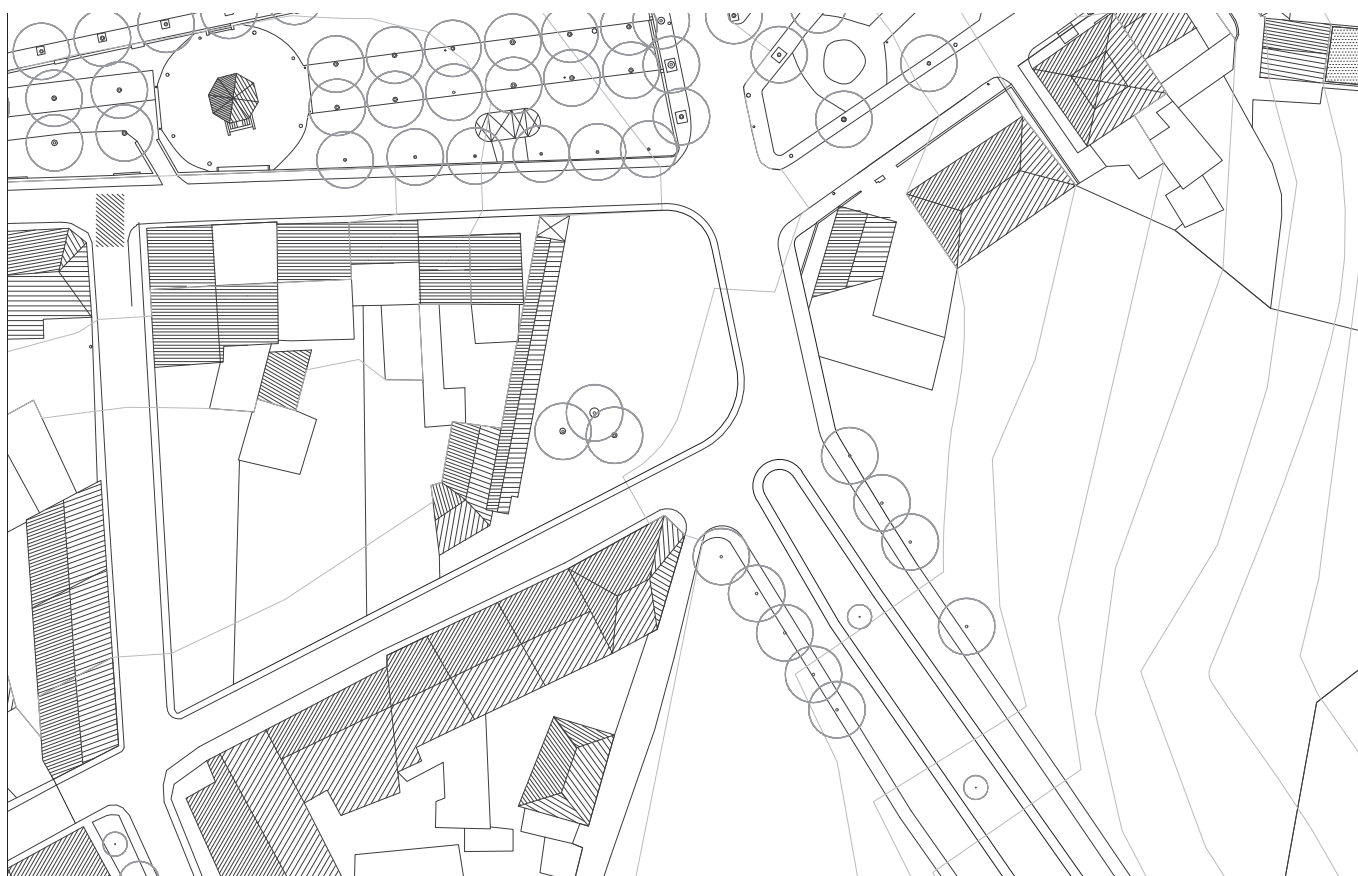
Figuras 52 e 53

De cima para baixo: Perspectiva aérea da configuração actual dos eixos rodoviários (azul) e passeio pedonal adjacente (amarelo) e limites da praça do antigo mercado (amarelo); Alterações propostas no plano de requalificação da praça do mercado: alteração da orientação dos eixos rodoviários (azul), passeio pedonal (amarelo) e extensão da praça do antigo mercado (amarelo)



Figuras 54 e 55

De cima para baixo: Perspectiva baixa da configuração actual dos eixos rodoviários (azul), passeio pedonal adjacente (amarelo) e limites da praça do antigo mercado (amarelo). Alterações propostas no plano de requalificação da praça do mercado: alteração da orientação dos eixos rodoviários e extensão da praça do antigo mercado



Figuras 56 e 57

Da cima para baixo: Actual conformação do antigo Mercado da Vila e eixos rodoviários; Alterações na praça e eixos rodoviários segundo a proposta de requalificação

Capítulo III

O Centro Interpretativo da Cutelaria

3.3.1 Lógica de Implantação

A lógica de implantação da proposta para o CIC advém de alguns pressupostos ligados à ideia de preservar o máximo de espaço público útil da praça do mercado e de articulação do espaço público da Avenida da República e da Alameda Rosas Guimarães. Na tentativa de racionalizar o espaço, determinou-se uma área máxima de ocupação do solo de 288 m² (12 x 24 m). A extrusão dessa área de implantação até uma altura máxima de 11 m (2 pisos acima do piso térreo) permite-nos calcular o volume máximo de área ocupada pela proposta no âmbito da área total da praça do mercado: 3168 m³. O edifício ficaria portanto confinado aos limites de área e volume acima referidos, sob pena de asfixiar o livre-trânsito pelo espaço da praça.

Após a definição dos limites máximos de área e volume, o próximo passo seria determinar uma área em específico na praça destinada a receber o edifício. Para este efeito foram tidas em conta as malhas do tecido urbano circudante como guias de implantação.

Dado o posicionamento da praça do mercado, rótula dos dois principais espaços públicos e artérias da vila, nomeadamente a Avenida e a Alameda, foram definidos esses dois eixos como fulcrais à implantação, na tentativa de espelhar a vontade de articular esses dois espaços públicos por excelência do centro da vila não só pela praça mas igualmente pelo próprio edifício.

A adopção dos dois eixos orientadores (fig. 58) tem como consequência prática uma fractura do volume inicialmente determinado de 12 x 24 m, resultando desse acontecimento a divisão do volume inicial em dois volumes de 12 x 12 m. A fractura revela-se pertinente essencialmente por três motivos: em primeiro porque faz com que a futura proposta espelhe na sua organização programática as duas orientações ditadas pelos eixos orientadores da implantação; em segundo lugar por permitir uma maior permeabilidade do espaço transitável da praça, evitando que o edificio seja ele próprio uma barreira, o que iria contra os pressupostos descritos anteriormente para a requalificação da praça do antigo mercado; em terceiro lugar, por questões de concepção da proposta.

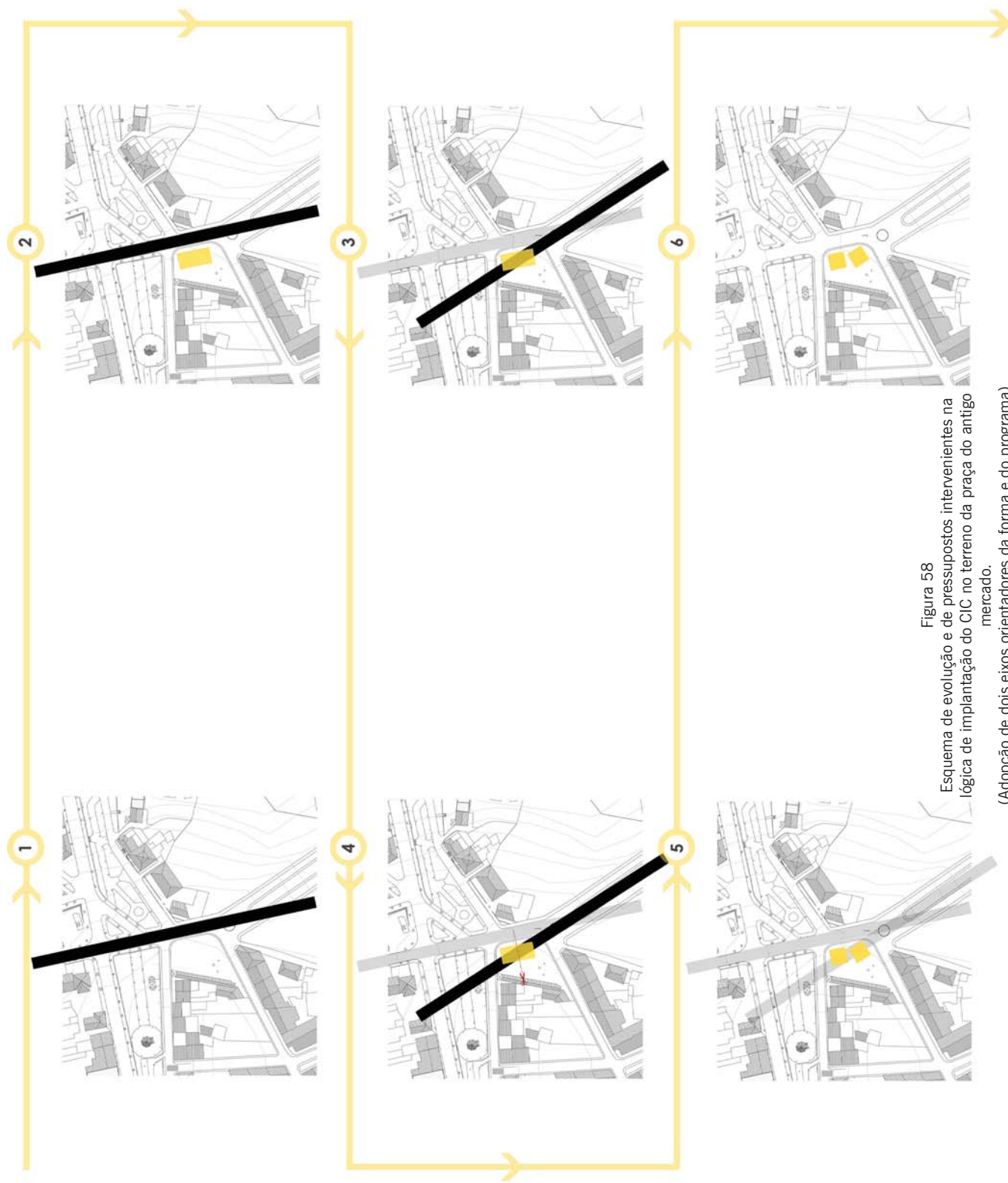


Figura 58
Esquema de evolução e de pressupostos intervenientes na
lógica de implantação do CIC no terreno da praça do antigo
mercado.
(Adopção de dois eixos orientadores da forma e do programa)



Figuras 59, 60 e 61
Da cima para baixo: Perspectivas de visualização virtual referentes à implantação da proposta do CIC e o seu enquadramento em relação à praça do antigo mercado.
Imagens Virtuais.

3.3.2 Conceito (a ideia de “fabrica” enquanto geradora de forma)

O conceito gerador do equipamento advém essencialmente de duas intenções base de projecto, a primeira delas estreitamente relacionada com a lógica de implantação e a própria morfologia da praça do mercado e a segunda relativa aos processos de fabrico da indústria couteleira.

Graças ao actual estado de constante de encerramento do mercado por via do gradeamento perimetral que o conforma torna-se fácil a distinção entre aquele que é o espaço interior e o espaço exterior. Com a proposta de requalificação da praça, da qual faz parte, entre outras iniciativas projectuais, a remoção completa do gradeamento, essa distinção deixa de ser tão óbvia, mas não deixa de ser uma questão pertinente, essencialmente tendo em conta a forma como o espaço da praça é conformado no tecido urbano do centro da vila.

A praça do antigo mercado apresenta-se no extremo Oeste de um quarteirão essencialmente habitacional no centro da vila, fixando-se exactamente no ponto de convergência entre a Avenida da República e a Alameda Rosas Guimarães e os seus limites são definidos pelo já referido gradeamento a Sul, Este e Norte, ficando o topo Oeste definido pela colocação dos antigos armazéns e lojas. Esta disposição dos armazéns e lojas, os únicos elementos programáticos passíveis de serem completamente encerrados (e que necessitam de o ser) não acontece por acaso, pois são estes equipamentos que quebram a tipologia habitacional do quarteirão, estabelecendo a barreira entre espaço público e privado. A Oeste das lojas apenas espaço privado; a Este apenas espaço público.

Esta morfologia, juntamente com os planos para a implantação do CIC, permite-nos continuar a depreender uma vista para “interior” e “exterior da praça. Se a nossa vista se fixar no limite Oeste, considera-se a vista para o interior. Se por outro lado a vista se fixar nos limites a Este, considera-se a vista para o exterior. A futura implantação do CIC tem essa variável em conta, e incorpora-a enquanto premissa conceptual.

Toda e qualquer indústria pode ser genericamente definida pela ideia de transformação de determinada matéria-prima bruta em produtos plenos de função e utilidade, assumindo-se a fábrica e as valências de que dispõe como entidade transformadora.

Existem no entanto, no âmbito dos processos industriais, etapas mais evidentes que outras. Se por um lado o produto acabado, que chega ao consumidor, se evidencia como elemento mais “visível” da indústria ao senso comum, por ser o elemento palpável que contribui para o seu quotidiano, os processos de fabrico,

as etapas que tornam a matéria-prima no produto final que adquirem, são o aspecto menos visível.

Este pressuposto, aliado à ideia anteriormente descrita de “Interior” (menos visível) e “Exterior” (mais visível) da praça do mercado, fez com que se adoptasse na lógica conceptual um desenho que espelhasse metaforicamente a forma como depreendemos uma indústria.

O alçado interior menos exposto (Oeste) do CIC passaria a reflectir “a fábrica”, assumindo-se como o lado mais racional, funcional, despojado e de certa forma “cru” aos olhos do transeunte. Em contrapartida, o alçado mais exposto (Este) assumir-se-ia como a personificação do produto final (no caso concreto da cutelaria), escultórico, polido e complexo na forma.





Figuras 62, 63, 64 e 65
De cima para baixo: alçado Este; alçado Norte; alçado Oeste; alçado Sul
CIC (alçados): A fábrica (alçado Oeste) enquanto geradora do produto (alçado Este)
Imagens Virtuais.

A segunda premissa conceptual mencionada no início deste capítulo é relativa à intenção de conformar o espaço e a forma da proposta por via da adopção das lógicas e processos de fabrico da indústria cuteleira.

A actual indústria de cutelarias de mesa sediada em Caldas das Taipas, é considerada o principal polo produtor desta tipologia de produtos da Europa, o que por si só nos ajuda a depreende-la como um sector líder a nível de qualidade de produção e tecnologia. O sector industrial de produção de cutelarias está hoje em dia altamente modernizado, recorrendo a tecnologia de ponta para o controlo e produção de talheres. Trata-se, nos dias de hoje, de uma indústria altamente complexa, recorrendo a inúmeros processo de fabrico com o intuito de fazer chegar ao cliente o melhor produto possível.

Independentemente de toda a tecnologia que hoje envolve a produção de talheres na vila, existem processos base que provêm já, e grosso modo se mantêm inalterados, desde os tempos remotos da produção artesanal de cutelarias na região. Falamos de processos base como o corte da matéria-prima e o seu molde. O processo industrial de produção de talheres, mesmo o mais tecnologicamente avançado ainda tem como base estes dois pressupostos: o corte da chapa de metal e a sua moldagem. Todos os demais processos, mais ou menos modernos, têm como objectivo o aperfeiçoamento do produto e, independentemente do recurso a novas tecnologias em detrimento de outras que caem em desuso e se tornam obsoletas, o corte e o molde da matéria-prima continuarão a assumir-se como processos base essenciais a esta indústria.

Por este motivo, revelar-se-ia pertinente a tentativa de incorporação destes processos base tão indissociáveis a esta indústria no conceito da proposta e por isso mesmo, esta passou a ser uma das premissas base de concepção, através da adopção de um dos processos como ideia geradora de espaço e forma: o molde. Se a primeira premissa conceptual está alicerçada fundamentalmente na relação entre as ideias de “Interior” e “Exterior” da praça com os conceitos de “a fábrica” e “o produto final” (o menos e o mais visível respectivamente), a segunda premissa vem portanto cimentar ainda mais a relação próxima que se pretende estabelecer entre os processos industriais envolvidos no fabrico de cutelarias enquanto processos geradores de conceito da proposta.

A intenção primordial passaria pela tentativa de que através da leitura da proposta, quer em planta como em corte, se depreendesse perfeitamente relação estreita estabelecida entre a morfologia do CIC e os processos industriais cuteleiros: a fábrica dá forma ao molde gerador do produto final.

De forma a alcançar o pressuposto conceptual anteriormente descrito, adoptam-se três *layers* construtivos diferentes, perfeitamente destacados entre si, e que por isso permitem ao mesmo tempo depreender uma leitura independente das camadas compositivas da proposta e as estreitas relações que entre elas existem, independentemente dos maiores os menores afastamentos que vão pautando o projecto.

Os três “layers” compreendem “a fábrica”, que alberga o espaço programático útil da proposta, “o molde”, que consiste fundamentalmente numa camada de betão armado adossada à “fábrica” que será responsável pelas dinâmicas de aproximação e afastamento entre elementos construtivos e pelo suporte de fixação do terceiro “layer”, “o produto”, constituído por superfícies de chapa de aço inoxidável escovado.

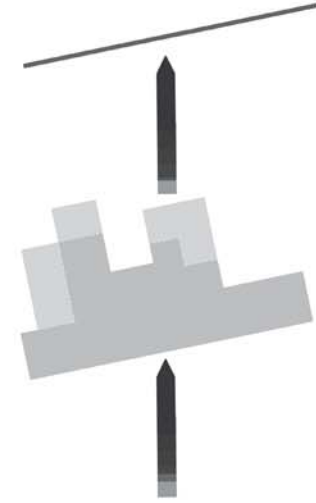
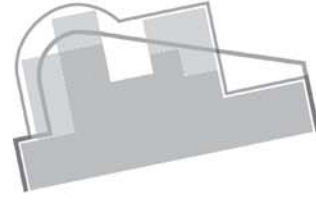
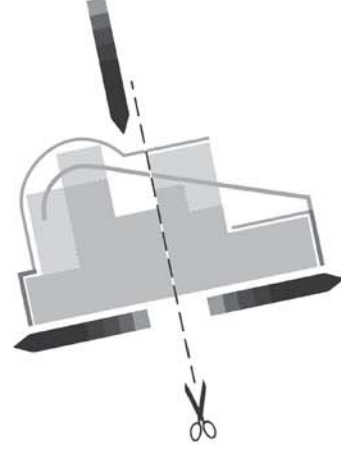
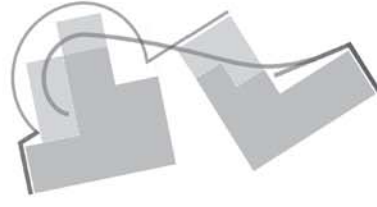


Figura 66
Esquema de evolução conceptual da forma
A “fábrica” (programa) molda o produto

3.3.3 O Programa

Descrito no capítulo introdutório como pretendo elemento agregador entre Passado, Presente e Futuro da tradição industrial cuteleira da vila de Caldas das Taipas, o CIC teria necessariamente de reflectir no seu programa essa mesma intenção.

A designação de “Centro Interpretativo”, tal como foi já anteriormente explicado, define de certa forma o carácter programático de um equipamento, acarretando uma responsabilidade de consciencialização educativa e formativa para um assunto em particular ao invés de assumir apenas funções puramente expositivas de um espólio.

O equipamento propor-se-á responder à necessidade de consciencialização da comunidade relativa ao lugar que o fabrico cuteleiro ocupa no passado, à percepção do que representa nos dias de hoje e ao vislumbre do que poderá representar no futuro a indústria cuteleira no contexto da vila, da região e do país.

Alicerçado nestas ideias, o esquema programático encontra-se portanto dividido em três áreas base: Exposição, Comércio e Formação.

À exposição corresponderá uma área significativa da proposta, pretendendo o espaço expositivo englobar a uma retrospectiva cronológica da evolução da indústria ao longo dos tempos bem como uma introspectiva incidente no estado da arte da produção industrial actual.

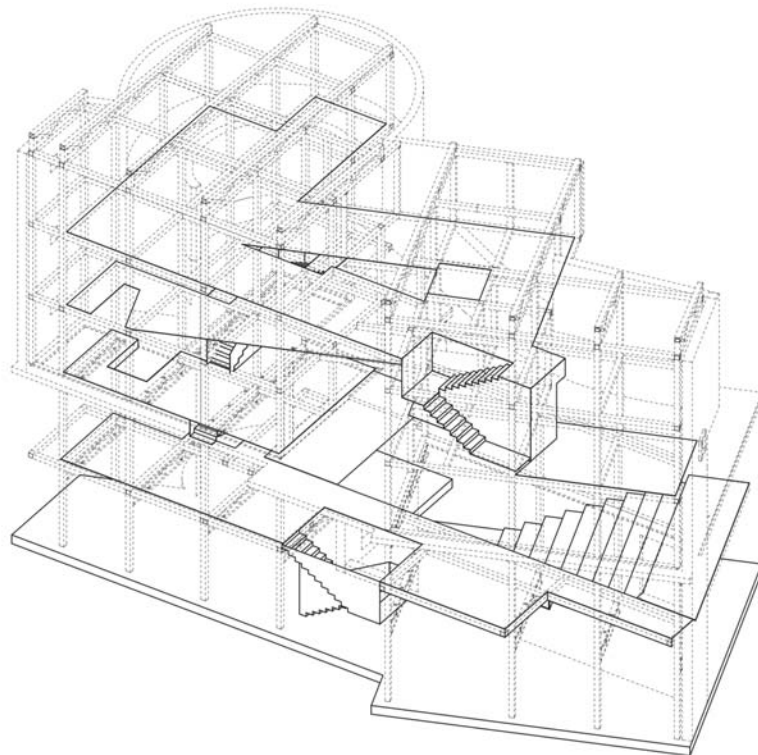
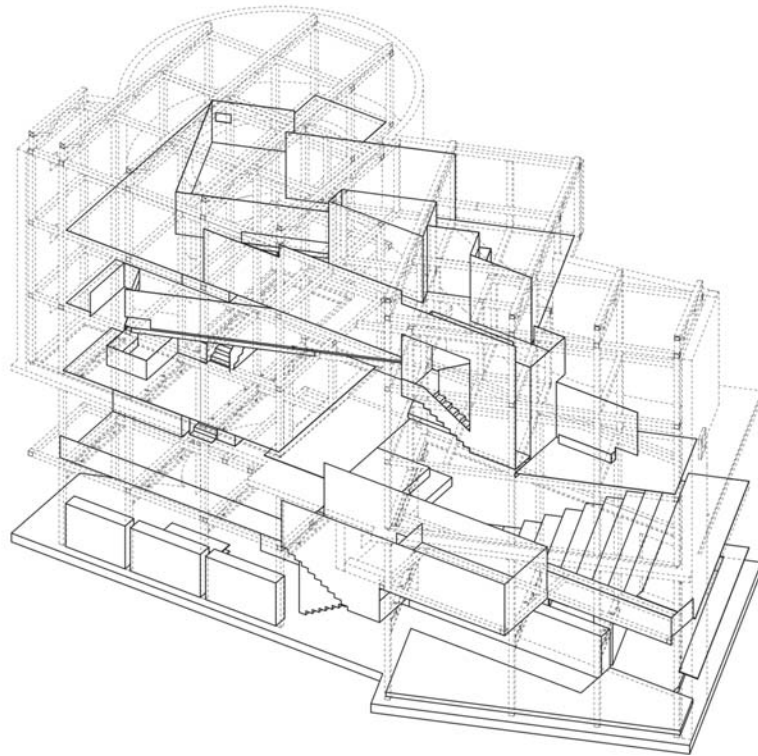
Dado que grande parte da produção actual de cutelarias da vila se destina à exportação, o que faz com que cada vez menos produtos desta indústria cheguem às mãos da população da região onde essa mesma indústria se insere, achou-se por bem a criação de um espaço comercial que destacasse e valorizasse a actual oferta cuteleira das indústrias da vila, servindo como um ponto de venda privilegiado e ao serviço das empresas envolvidas nesta tradição.

Relativamente à formação, é cada vez mais imprescindível a uma indústria que se afigura líder no panorama das cutelarias de mesa a preocupação com a formação e especialização da sua mão de obra e, por isso, propõe-se no esquema programático da proposta espaços que visem a explorar e potenciar o decurso de actividades que fomentem a inovação ao nível do design e das técnicas e tecnologias empregues no fabrico das cutelarias.

O conteúdo programático divide-se por 5 pisos: o piso de recepção, à cota térrea de acesso correspondente à actual cota de piso da praça do mercado, contemplando a recepção e um espaço comercial; dois pisos acima do solo, correspondentes essencialmente à área expositiva; dois pisos soterrados, compreendendo as áreas de oficinas, auditório, escritório e sala de reuniões,

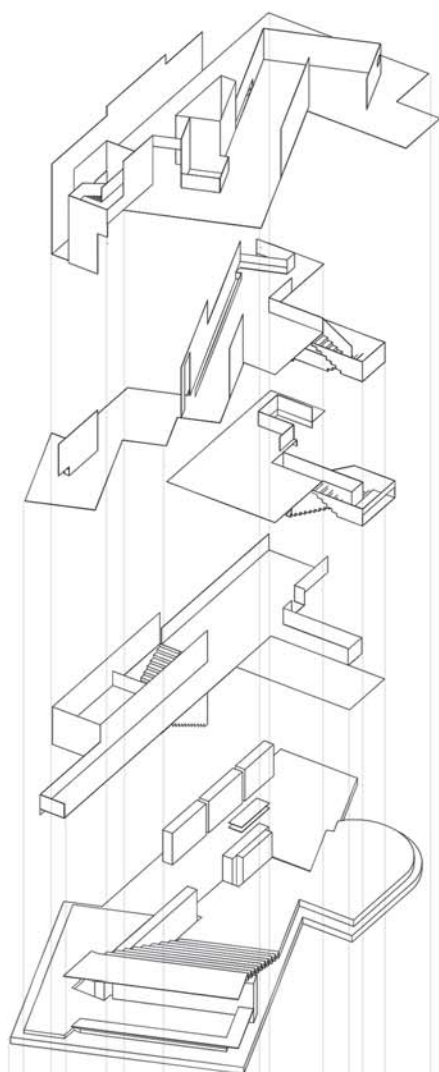
arrecadações e lavabos.

Nestes cinco pisos, articula-se um total de cerca de 740m², dos quais: 250m² correspondem a espaços expositivos; 45m² servem a recepção e espaço comercial; 110m² acomodam lavabos, escritório e sala de reuniões e distribuição entre oficinas e auditório; 300m² ficam entregues a oficinas, auditório e arrecadações. Os restantes 40m² ficam atribuídos a espaço ocupado por deslocações verticais (escadas que interligam os pisos).

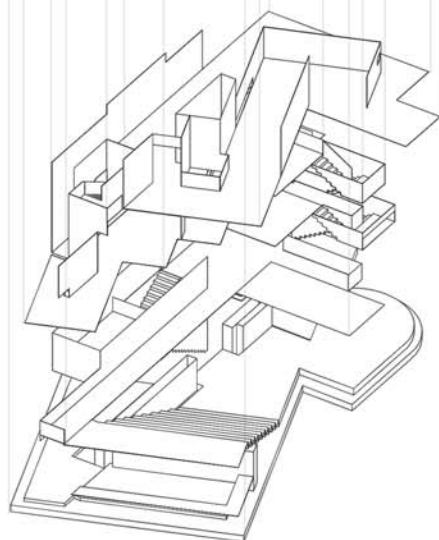


Figuras 67 e 68

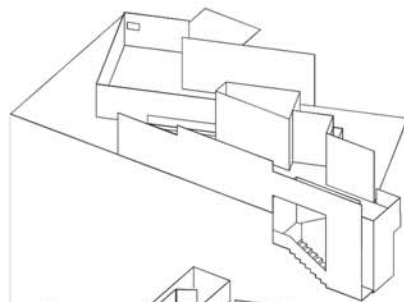
Esquema axonométrico de realce do programa em relação ao esquema estrutural



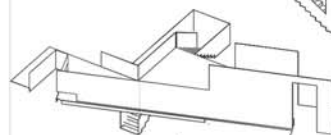
Perspectiva Axonométrica Sudeste



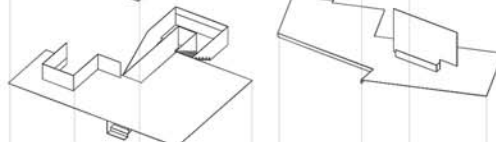
Piso 2



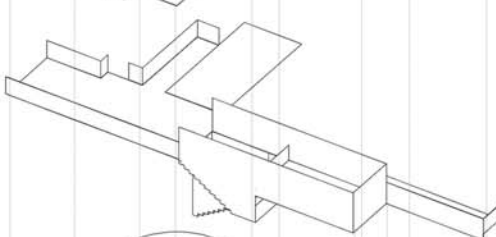
Piso 1



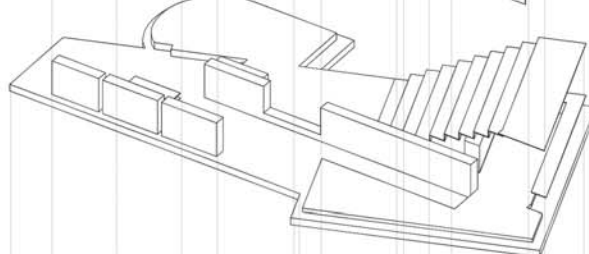
Piso 0



Piso -1



Piso -2



Perspectiva Axonométrica Sudoeste

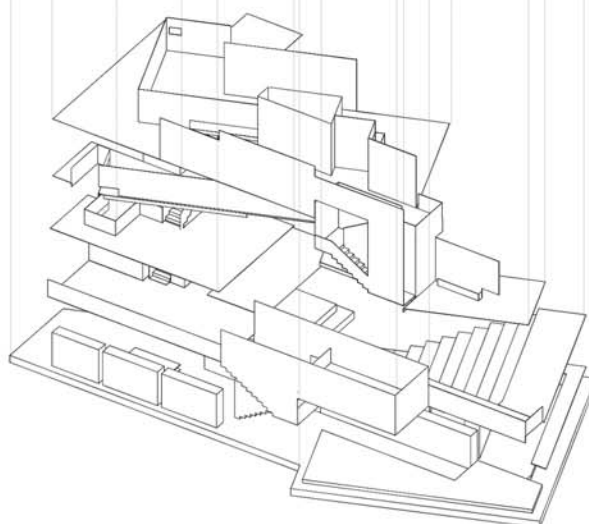


Figura 69
Axonometria explodida dos pisos que constituem o programa do CIC

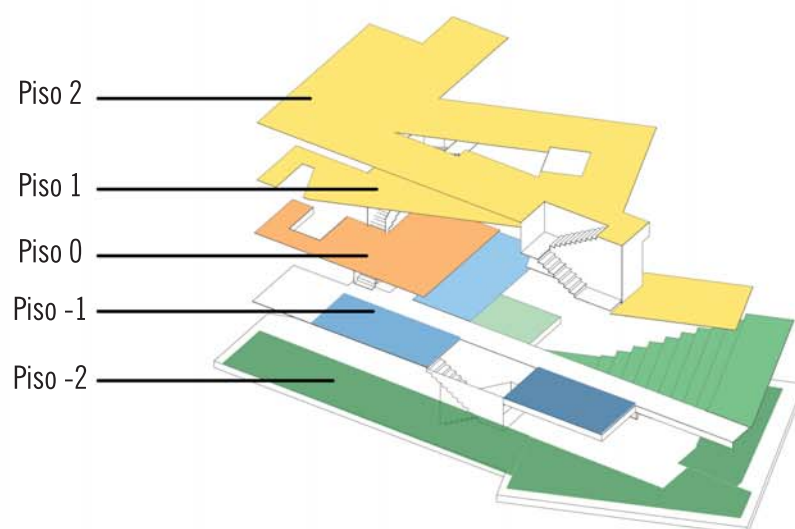
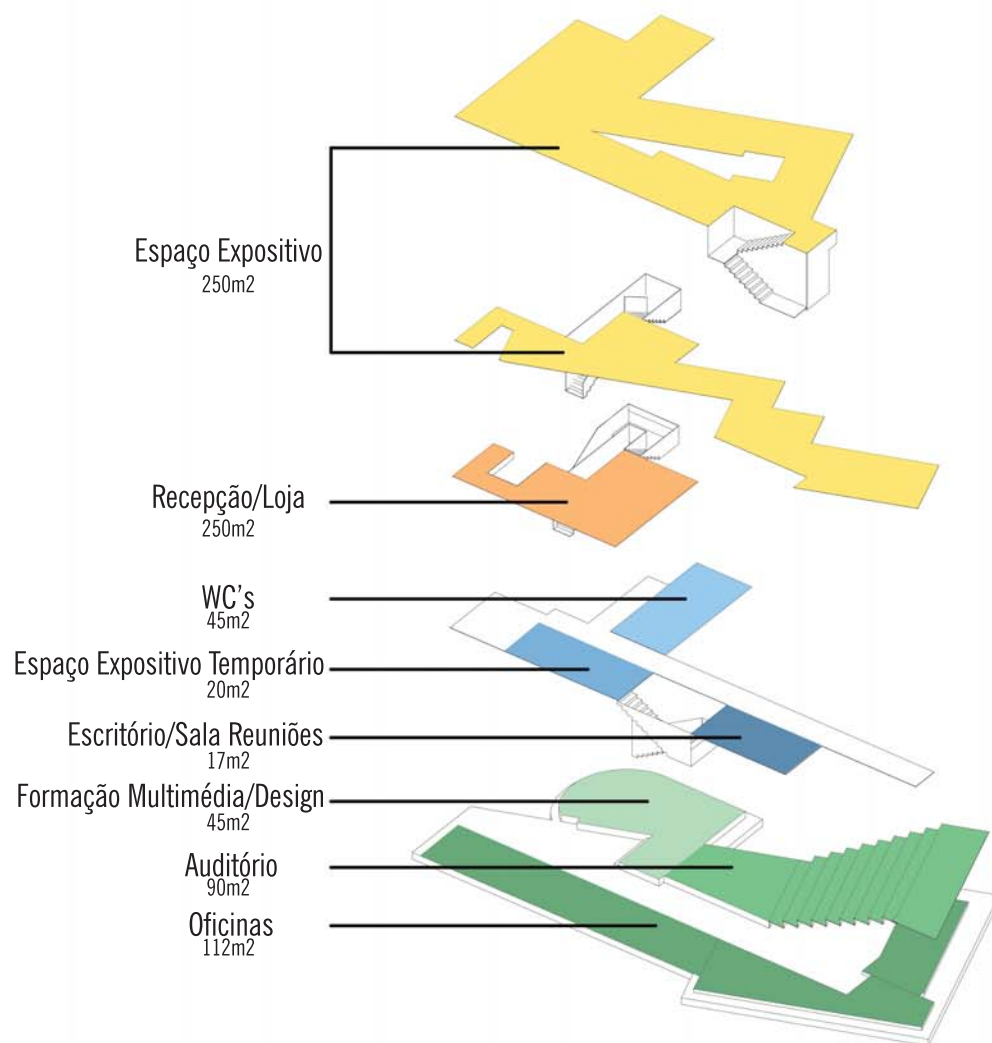


Figura 70
Esquema de articulação programática: Áreas e distribuição por níveis

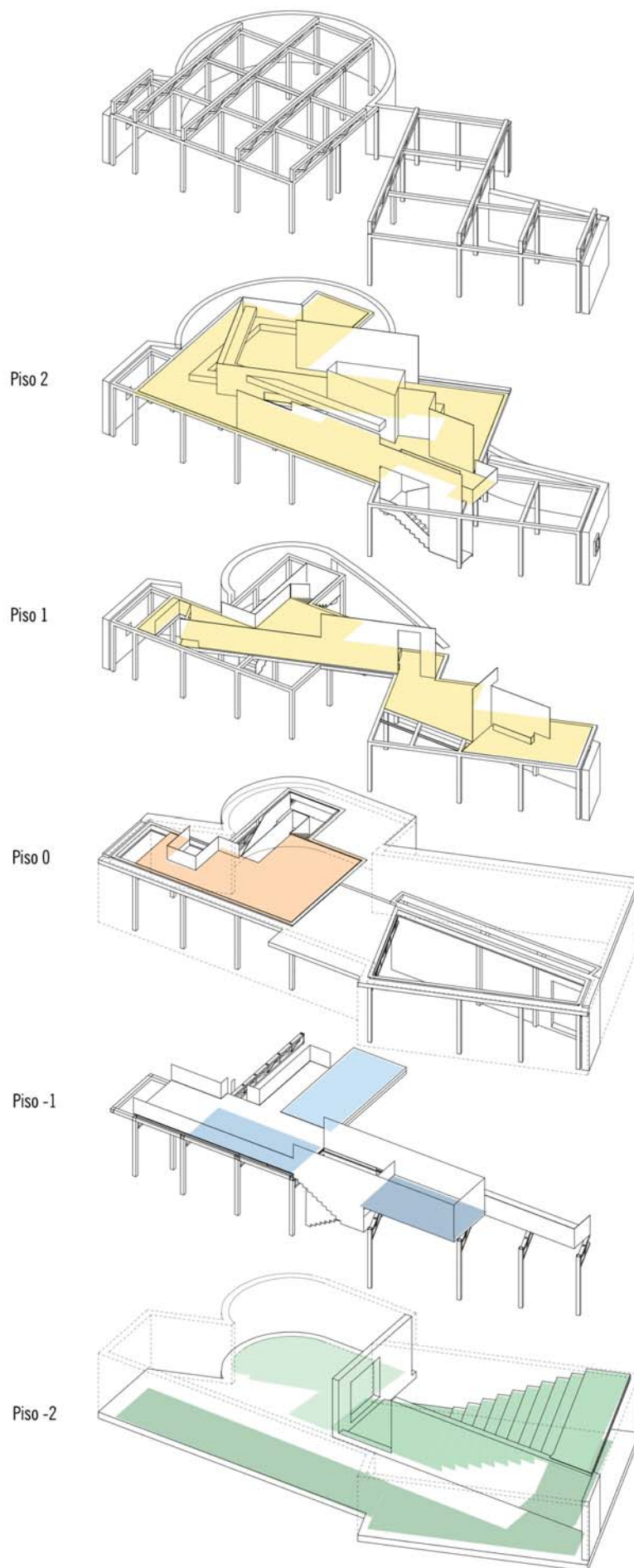


Figura 71
Esquema axonômico da relação entre programa e estrutura do CIC

3.3.3.1 Lógicas organizativas do programa expositivo

Nos dois pisos que albergam o espaço expositivo, propõe-se articular essencialmente duas áreas temáticas: no primeiro piso, pretende-se estabelecer uma lógica de exposição cronológica, que incida acima de tudo na evolução das técnicas e dos produtos cuteleiros provenientes das indústrias da região ao longo dos tempos; no segundo e último piso, o objectivo foca-se numa exposição mais interactiva que tenta emular a lógica processual de uma linha de produção de cutelarias actual.

Na primeira secção expositiva, reservada à já referida “retrospectiva cronológica”, serão tidos em conta, para além da evolução dos talheres em si e as técnicas empregues na sua produção, aspectos como a evolução das infraestruturas fabris, desde os tempos em que a indústria dependia da força motriz providenciada pelo rio e os seus afluentes até às fabricas altamente modernizadas dos dias correntes, bem como a importância da bacia hidrográfica do Rio Ave na fixação desta indústria na actual vila de Caldas das Taipas.

No que ao segundo momento da exposição diz respeito, e na tentativa de recriar uma lógica actual de produção, subdivide-se o espaço total em 6 sub-áreas, cada uma delas correspondente a uma etapa de produção. São elas, e por ordem do processo de transformação: Armazém (entrada de matéria-prima e adequada distribuição); Corte; Estampagem (moldagem); Burnimento; Polimento; Limpeza/Lavagem. Os processos terminam com a chegada do produto final à etapa inicial de armazém, acumulando portanto essa etapa a dupla função de início e término de todo o processo industrial.

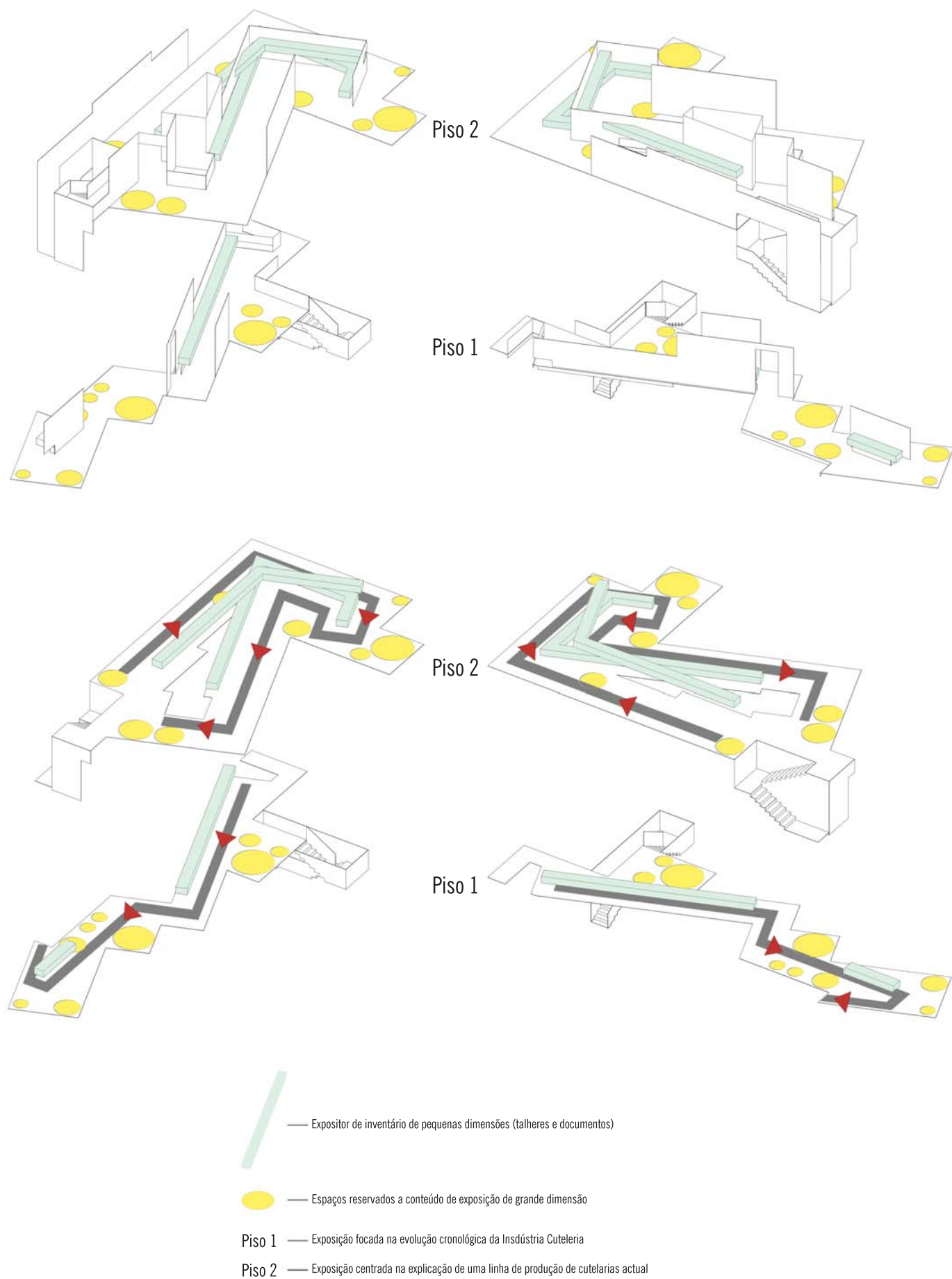


Figura 72
Lógica organização organizativa do programa expositivo

3.3.4 Materialidade

No que à materialidade da proposta diz respeito, foi tida em conta essencialmente a intenção de recriar um espaço que representasse o cariz utilitário, funcional e até, de certo modo, o despojo ornamental de uma unidade fabril.

Em toda a proposta foram empregues fundamentalmente o aço, o betão armado e o vidro nas soluções construtivas globais, verificando-se também o recurso à madeira, enquanto revestimento, nas áreas reservadas ao auditório e oficinas, mais concretamente ao nível de pavimentos e mobiliário.

O aço assume um papel preponderante na materialização desta proposta, representando o recurso a este material específico a quase totalidade de soluções construtivas do projecto. A variedade de soluções que hoje em dia o aço nos oferece enquanto material construtivo, permite-nos articular as mais variadas escalas projectuais recorrendo única e exclusivamente a este material.

No caso concreto do CIC, recorre-se ao aço não só como solução estrutural mas também como solução de pavimentos, revestimentos, divisões e até mobiliário, contando para isso com a oferta actual de tratamentos e tipos de aço, que nos permitem soluções materiais variadas. No essencial, propõe-se a utilização de aço em três momentos: o aço de tipo estrutural; o aço “cor-ten”, encarregue de conformar pavimentos, escadas e divisórias; o aço inoxidável escovado, empregue fundamentalmente no revestimento do alçado Este da prosposta.

3.3.4.1 O aço enquanto reflexo de pressupostos conceptuais

O recurso ao aço, com as suas inúmeras variações a nível de tratamentos e acabamentos, permite a concepção de um ambiente de cariz industrial que vai ao encontro dos conceitos geradores da proposta, tendo ate em conta que se trata ele próprio da matéria-prima por excelência da indústria de cutelarias. Desde a sua aplicação enquanto solução estrutural, no seu aspecto mais rude e esteticamente descomprometido, até às soluções de revestimento em aço inoxidável escovado, o emprego deste material em particular nos devidos momentos, permite-nos emular as lógicas de processamento da matéria-prima couteira, desde a sua chegada em estado bruto à unidade fabril até ao termino das etapas de produção

que culminam com o talher devidamente preparado para venda.

Neste contexto de tentativa enquadramento da materialidade nos pressupostos conceptuais da proposta convém destacar o papel desempenhado por dois “layers” materiais em específico: o aço corten e o aço inoxidável.

Através de processos específicos de fabrico, que lhe conferem características especiais, o aço corten possui atributos que lhe permitem uma oxidação controlada quando exposto a variações de humidade e exposição solar, criando uma camada de “ferrugem” que, estabilizando, acaba por proteger o material da corrosão total.

O emprego deste material específico, que reage ao tempo e com o tempo, tanto no interior como no exterior do equipamento, permite-nos obter variações no seu aspecto ao longo do equipamento, evidenciando mais ou menos corrosão em determinados pontos, consoante a sua exposição aos agentes atmosféricos. Assim, se no interior do equipamento encontraremos o material com um estado de corrosão mais ou menos evidente (dependendo das variações de humidade e de exposição solar do ponto específico onde é aplicado), no exterior encontraremos o material em total estado de corrosão superficial.

Esta particularidade é especialmente pertinente se nos focarmos no pressuposto de fractura do volume inicial em dois (uma das premissas conceptuais base descritas anteriormente).

Da fractura resultam dois corpos isolados, que outrora estariam conectados tanto a nível formal como programático, e que após a mesma se conectam apenas (metaforicamente) pelo programa expositivo, deixando expostas aos agentes atmosféricos áreas anteriormente confinadas a num ambiente controlado. Desta acção resulta uma mais célere degradação dos materiais pelo que a corrosão é mais rapidamente verificável na ligação entre os volumes “mãe”.

Esta tentativa de aliar a materialidade aos processos conceptuais acentua a ideia de fractura, permitindo de certa forma depreender uma ordem cronológica de acontecimentos, conferindo ao equipamento uma história e personalidade muito próprias.

No que ao aço inoxidável enquanto elemento construtivo diz respeito, é mais fácil ainda depreender os motivos do seu emprego.

O aço inoxidável enquanto material apresenta-se, pelas suas inegáveis qualidades de resistência à corrosão e amoldabilidade como o material de eleição no fabrico de cutelarias nos dias de hoje, mas essas mesmas características favorecem também o seu uso enquanto material construtivo. Ora se uma das premissas conceptuais exprime o desejo de aproximação metafórica formal por parte do equipamento às etapas de processamento do aço enquanto matéria-prima, percebe-se o recurso ao aço inoxidável para revestimento do alçado. Este mais concretamente, pela similaridade estética que confere ao alçado

comparativamente com os produtos cutedeiros.

3.3.4.2 Vãos

Os vãos assumem nesta proposta em particular um papel fulcral na transposição dos pressupostos conceptuais para a materialidade, na estética e desempenho geral do equipamento. Ocupando uma área total de superfície de mais de 600 m², constituem-se como elementos projectuais de inegável importância.

Dada a quantidade de área superficial que conformam, tornam-se num precioso aliado na criação de uma imagem industrial que se pretendia conferir à estética global do equipamento.

Os vãos constroem-se através do recurso a caixilharias em aço de métrica de desenho quadrangular de 650 x 650 mm. É nesta medida base que se articulam os diferentes elementos constituintes das caixilharias, nomeadamente barras e cantoneiras em aço e vidro.

Dentro das dimensões e métrica descritas acima, desenvolveram-se dois tipos de caixilharias, esteticamente muito semelhantes: caixilharias fixas (implementadas acima de tudo no alçado Oeste do equipamento) e caixilharias móveis (nos topos Norte e Sul dos volumes e em todo o alçado Oeste voltado para as paredes de betão armado). Recorre-se a estas duas variações no desenho dos caixilhos acima de tudo por questões funcionais e de desempenho, ou seja, pela necessidade de ventilar o espaço interior do edifício e pelo obstáculo que constituem as paredes de betão, pela sua estreita proximidade com os vãos, à devida limpeza e manutenção das caixilharias.



Figura 73
Vãos (Alçado Oeste). Imagem Virtual.

3.3.5 Estrutura

Relativamente às questões estruturais, a proposta contempla na sua quase totalidade soluções estruturais dependentes do aço, assumindo também o betão armado um papel assinalável na resolução estrutural do equipamento.

O volume contendor de programa, “a fábrica”, afigura-se integralmente concebido em aço, resultando a planta estrutural de uma modulação de esquema quadrangular de cada um dos volumes de 12 x 12 m. A métrica do módulo quadrangular estabelecido apresenta-se no entanto, em situações pontuais, ligeiramente variável, facto esse decorrente das necessidades de acomodação dos conteúdos programáticos em concordância com as premissas já descritas.

A estrutura principal é inteiramente concebida recorrendo a perfis tubulares quadrangulares ocos de 200 x 200 mm e com uma espessura de cerca de 1,6cm.

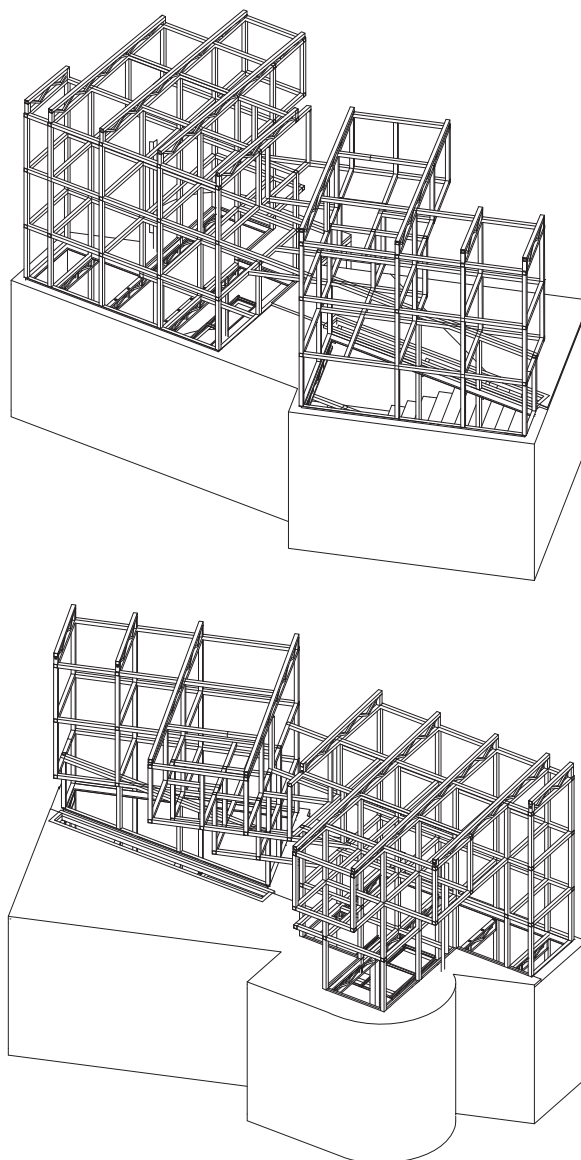


Figura 74

Esquema estrutural axonométrico do CIC: relação da estrutura metálica com os “contentores” em betão armado (soterrados)

As subestruturas para suporte de pavimentos ficam a cargo de perfis IPN 120 (120 x 58 mm) verificando-se ainda, em alguns casos, a necessidade de recorrer ainda a uma subestrutura complementar de tubo metálico oco rectangular de 50 x 30 mm para situações onde a articulação entre estrutura principal e subestrutura por si só não resolve as diferenças altimétricas de pavimentos.

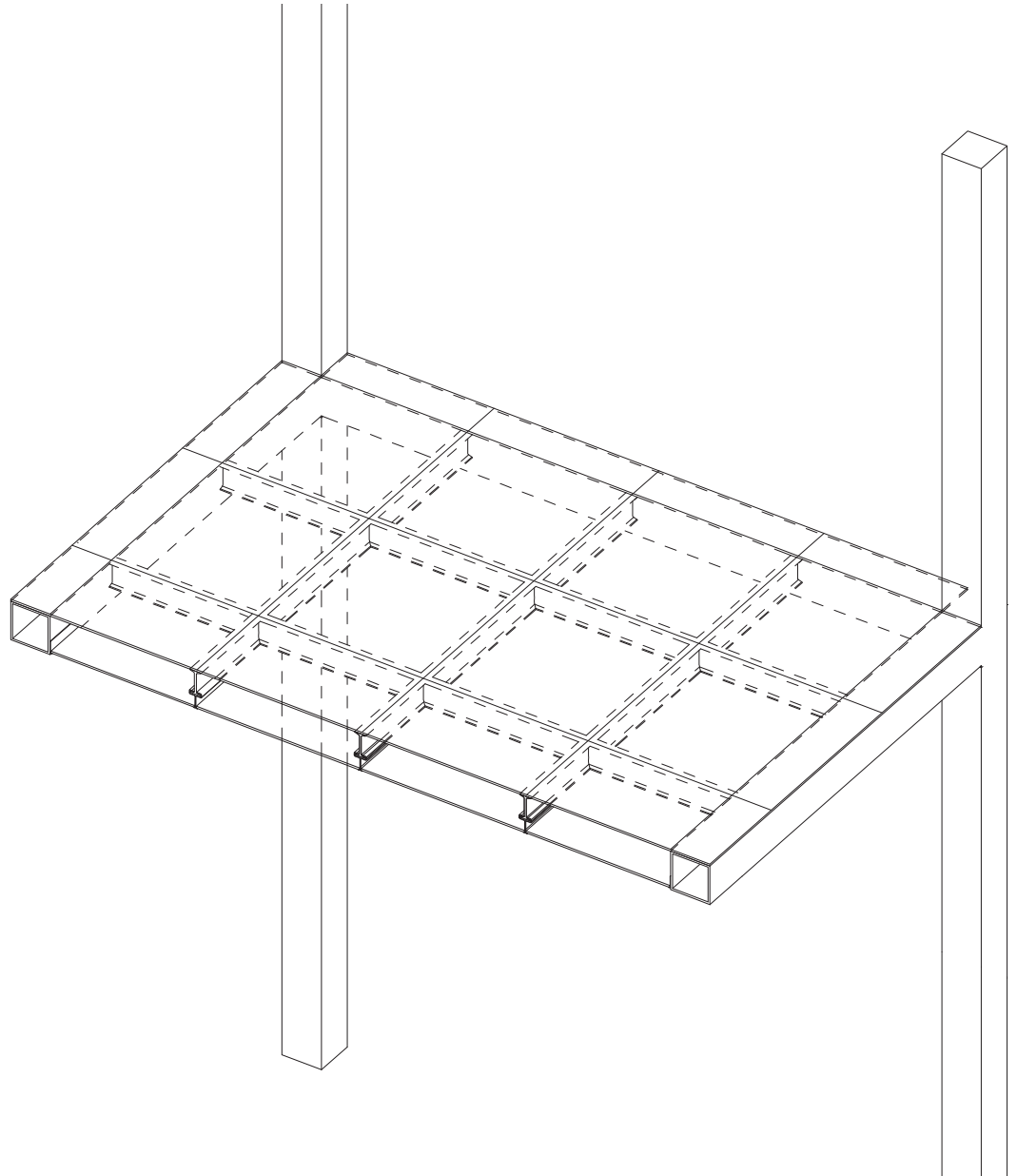
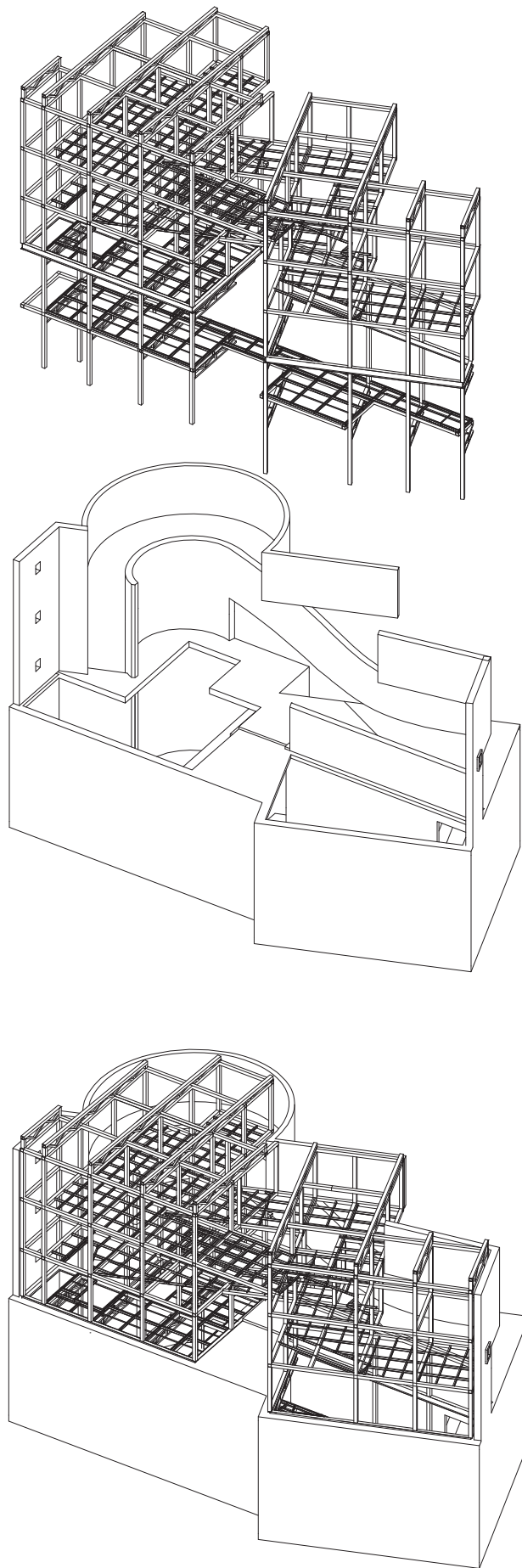


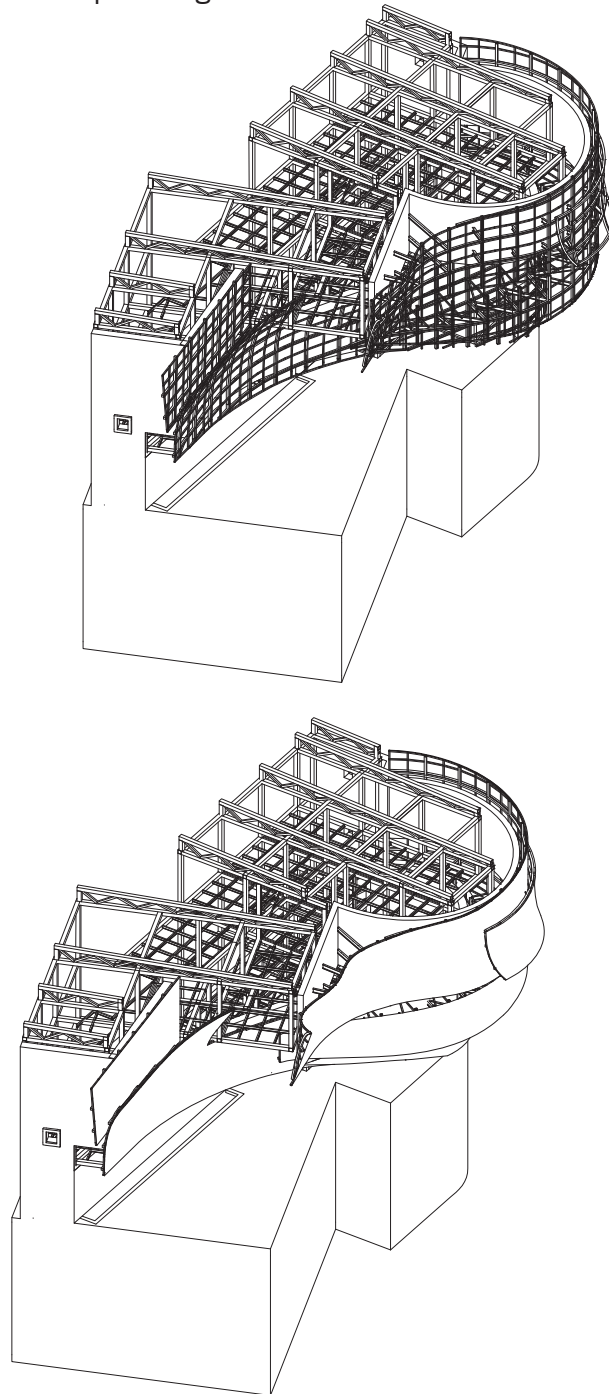
Figura 75
Corte axonométrico do pavimento tipo

Paralelamente, o recurso ao betão armado enquanto elemento de intermediação entre “a fábrica” e “o produto”, contribui para a resolução das problemáticas estruturais gerais do equipamento em dois aspectos em particular: oferece aos volumes contentores de programa apoio estrutural em momentos pontuais e configura-se em toda a sua extensão como principal elemento de suporte à fixação das estruturas e subestruturas que comportam as chapas de aço inoxidável que compõem a quase totalidade do alçado Este.



Figuras 76 e 77
Axonometrias exemplificativas do modo de “encaixe” de estruturas

Relativamente às estruturas de fixação e suporte do revestimento em aço inoxidável, compreendem essencialmente três tipos de perfis metálicos. As ligações entre betão armado e estruturas de suporte e revestimento fica a cargo de perfis do tipo IPN 200 (200 x 90 mm), afigurando-se como tipo de perfil de maior dimensão neste sistema de distribuição de cargas. As estruturas e subestruturas directamente relacionadas com o fixação das chapas de aço conformam-se através do emprego de perfis tubulares quadrangulares de 100 x 100 mm e 50 x 50 mm respectivamente, replicando a sua aplicação uma métrica estrutural também ela quadrangular, que culminará portanto numa estereotomia de revestimento quadrangular de cerca de 600 x 600 mm.



Figuras 78 e 79

Axonometrias referentes à morfologia estrutural dos planos de revestimento exterior em aço inoxidável

3.4 Conclusão

A proposta do Centro Interpretativo da Cutelaria na vila de Caldas das Taipas apresenta-se neste trabalho, juntamente com a proposta de requalificação de praça do antigo mercado da vila, como uma possível solução para o problema de identidade que se verifica nos dias de hoje em Caldas das Taipas.

Graças ao local de implantação proposto, no seu centro, a vila ficaria munida de um forte marco com vista à valorização de uma tradição industrial tão particular e forte na região.

A concretização do equipamento proposto, bem como a requalificação do espaço da praça onde o mesmo se inseriria, traria novas dinâmicas espaciais ao centro da vila e, ao mesmo tempo, dinamizaria todas as actividades, económicas e culturais da vila, como por exemplo o turismo e o comércio tradicional, assumindo-se como um inegável ponto de interesse na vila e no já muito a nível turístico procurado concelho de Guimarães.

O presente projecto para o CIC permitiria ainda às empresas cuteleiras desenvolver actividades de formação da mão-de-obra, contribuindo desta forma o CIC para uma constante evolução das técnicas e do design de produtos de uma indústria já amplamente reconhecida a nível nacional e internacional pela sua qualidade e modernidade.

Assim, a proposta de projecto que aqui se apresenta vai de encontro às premissa inicialmente explicitada como fulcral no desenvolvimento do equipamento: o elemento agregador entre Passado, Presente e Futuro da indústria cutelaria da região.

Em termos de complementação do presente trabalho, ou trabalhos futuros a desenvolver, seria pertinente desenvolver-se um estudo específico incidente no espólio relativo à indústria de cutelarias disponível nos dias de hoje.

Esta seria sem dúvida uma das questões que mereceria um maior grau de aprofundamento, juntamente com o desenvolvimento de uma linha de mobiliário expositivo específico às necessidades do referido espólio, depois de desenvolvido um certamente extenso trabalho de catalogação do mesmo.

A proposta para o Centro Intepretativo da Cutelaria apresenta-se então nestes moldes como um possível primeiro passo em direcção à consciencialização das gentes da vila de Caldas das Taipas para a rica e forte tradição industrial de que a vila dispõe, podendo assumir-se como possível catalisador de um interesse comum que leve ao desenvolvimento de outros trabalho que visem a valorização de tão valiosa herança.

Bibliografia

CORDEIRO, José; COSTA, Francisco - A indústria de cutelarias em Guimarães: um património a conhecer e a valorizar. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34276/1/Cordeiro%20e%20Costa.pdf>. Visitado a 8 de Novembro de 2015

Junta de Freguesia de Caldas das Taipas:
<http://www.caldasdastaipas.com/>

CALDAS das Taipas. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Caldas_das_Taipas. Visitado a 8 de Novembro de 2015

RIBEIRO, Miguel da Costa – Reestruturação e reabilitação de infraestruturas como processo de revitalização urbana. Quinta Canto de Cima. Vila Nova de Famalicão. 2011. Tese de mestrado

CORDEIRO, José; COSTA, Francisco - Património industrial e cultura da água o exemplo de Guimarães, no noroeste de Portugal. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/25077>. Visitado a 27 de Dezembro de 2015

CACHADA, Armindo – *Caldas das Taipas – Monografia e Roteiro Turístico*. 1ª Edição. Caldas das Taipas: Junta de Freguesia de Caldas das Taipas, 2006.

BORCH, Christian - *Architectural Atmospheres: On the experience and Politics of Architectura*

CIZGEN, Gultekin - *Rethinking The Role of Context and Contextualism in Architecture and Design*

PALLASMAA, Juhani - *The eyes of the skin*. Chichester, Inglaterra. 2005.

HOLL, Steven; PALLASMAA, Juhani; PÉRES-GOMÉZ - *Questions of perception: Phenomenology of Architecture*. William Stout Publishers, San Francisco. 2008.

Global Architecture Magazine – *Document Extra: Alvaro Siza*. 2008

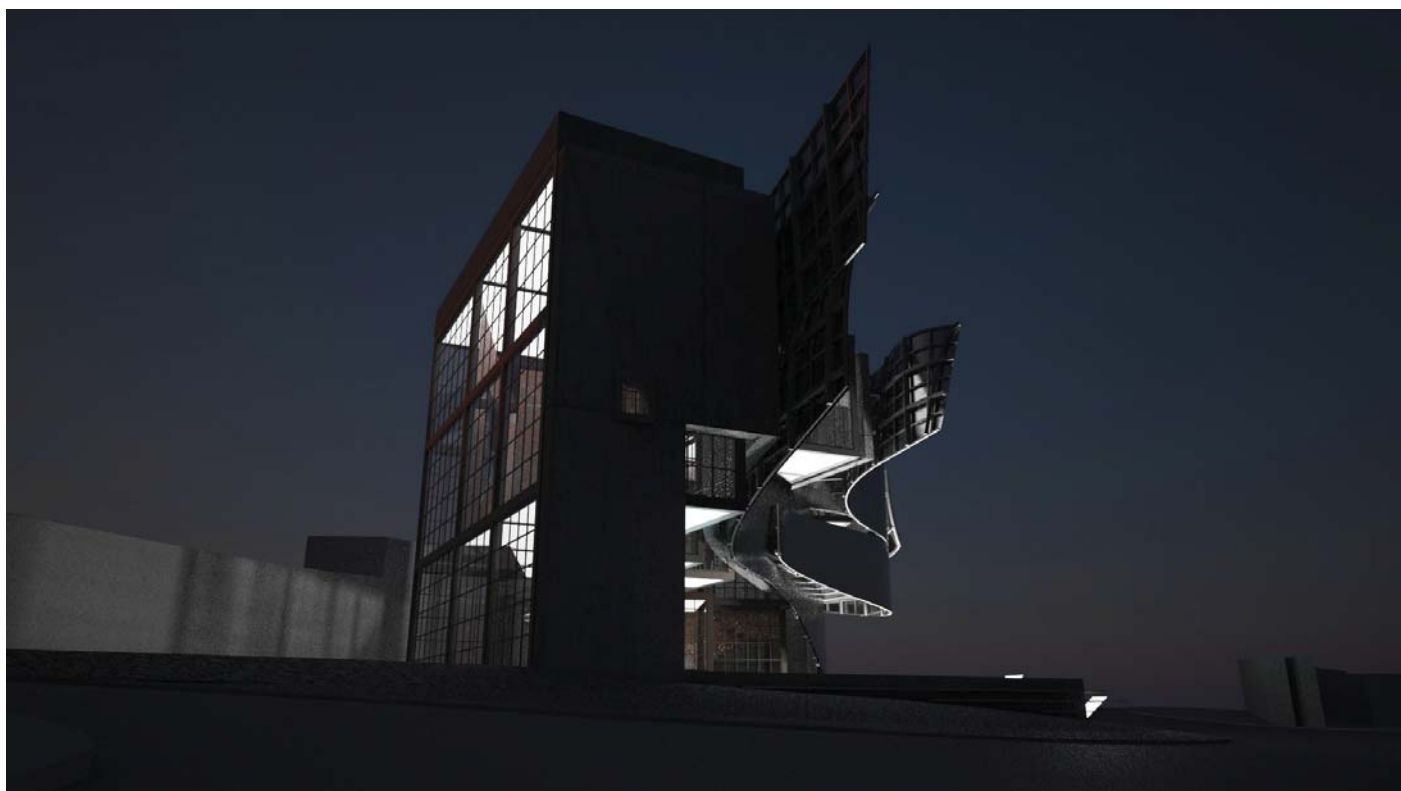
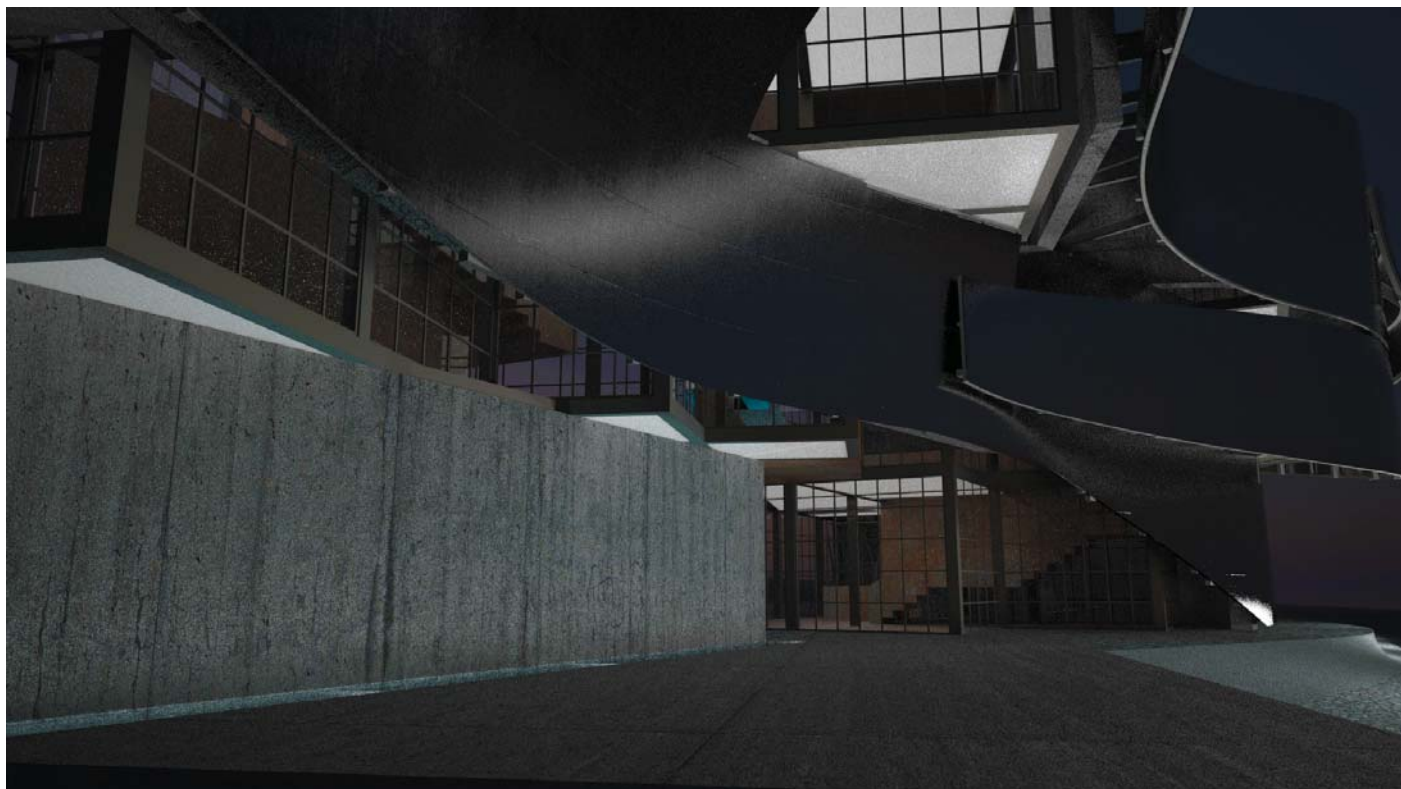
KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce; WERLEMAN, Hans - *S, M, L, XL*

NORBER-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*.

Anexos



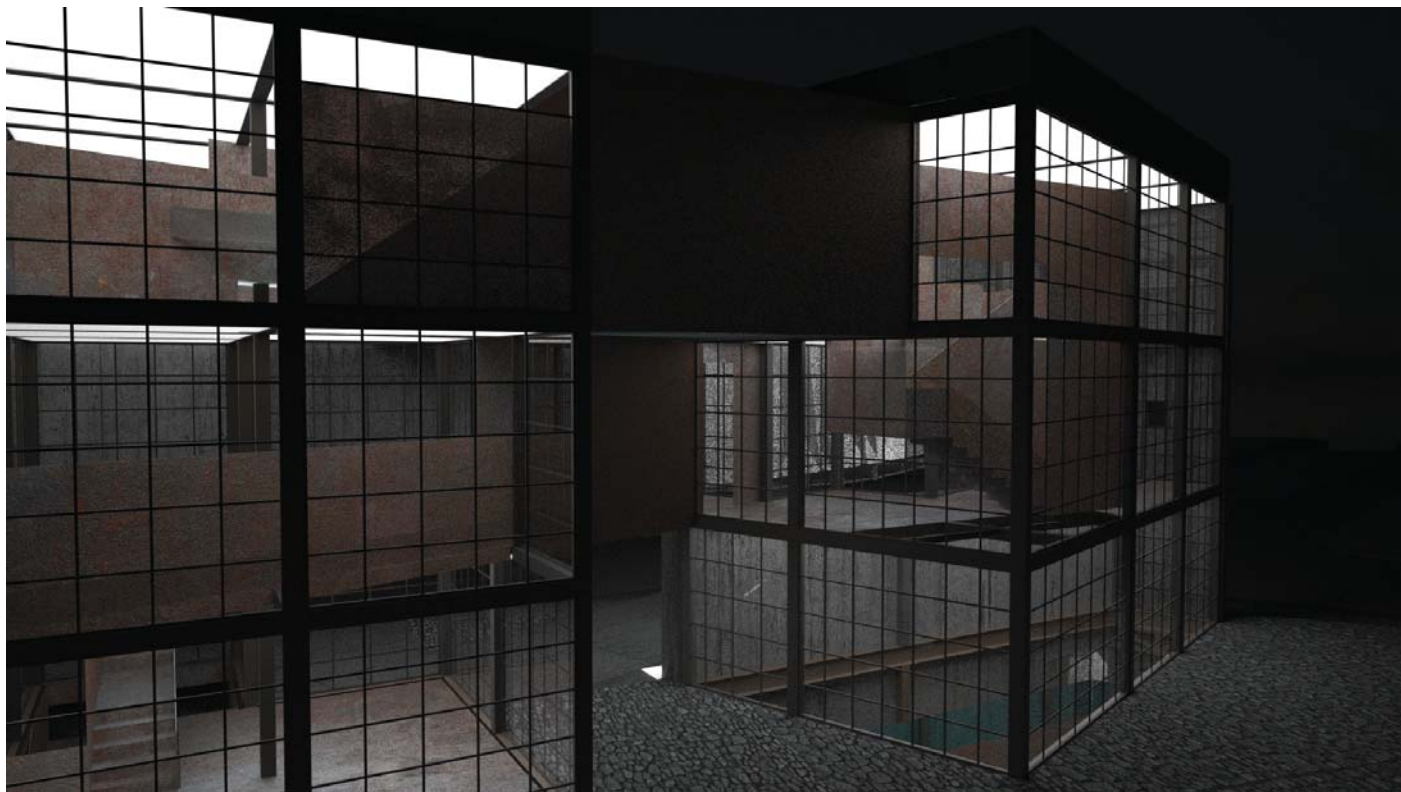
O CIC - Perspectivas diurnas (Imagens Virtuais)



O CIC - Perspectivas nocturnas (Imagens Virtuais)



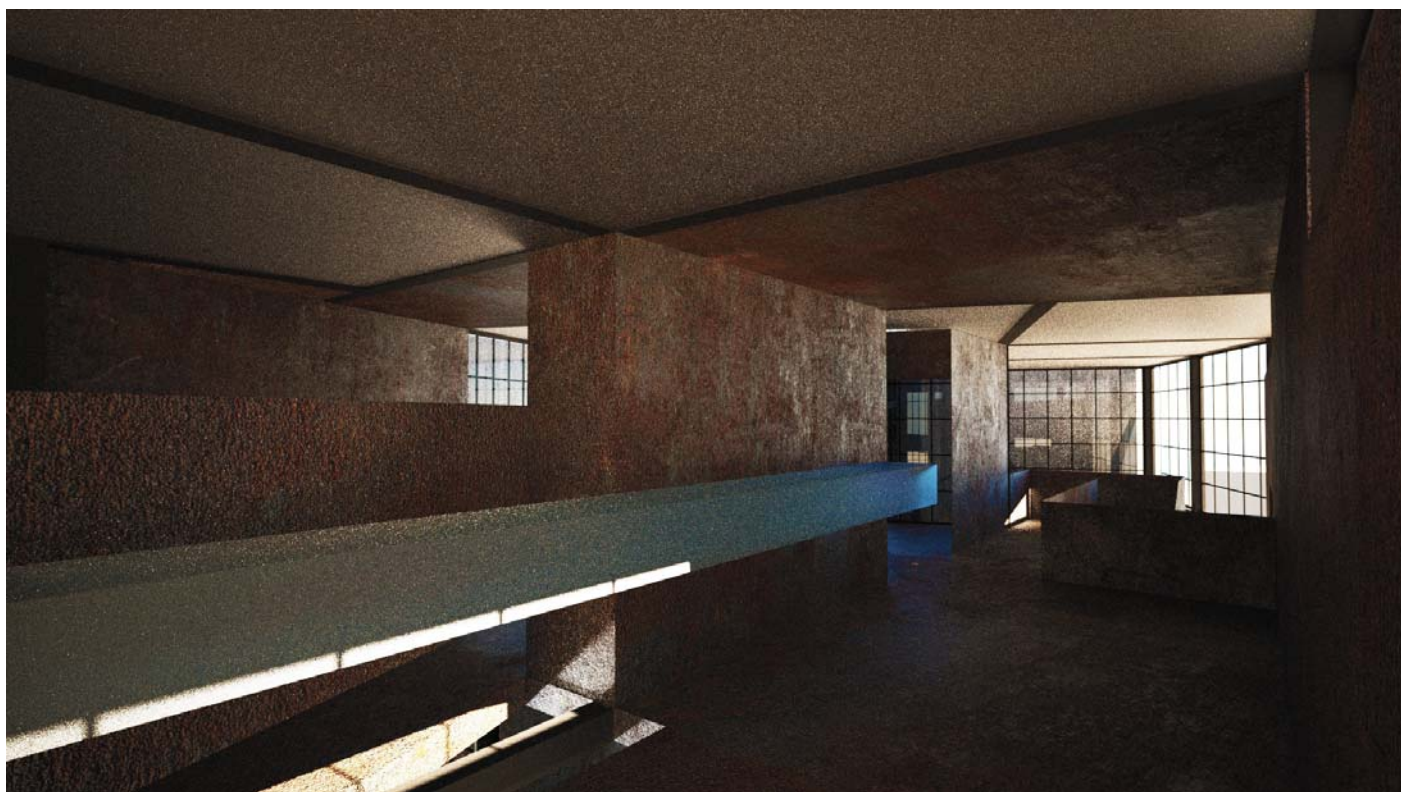
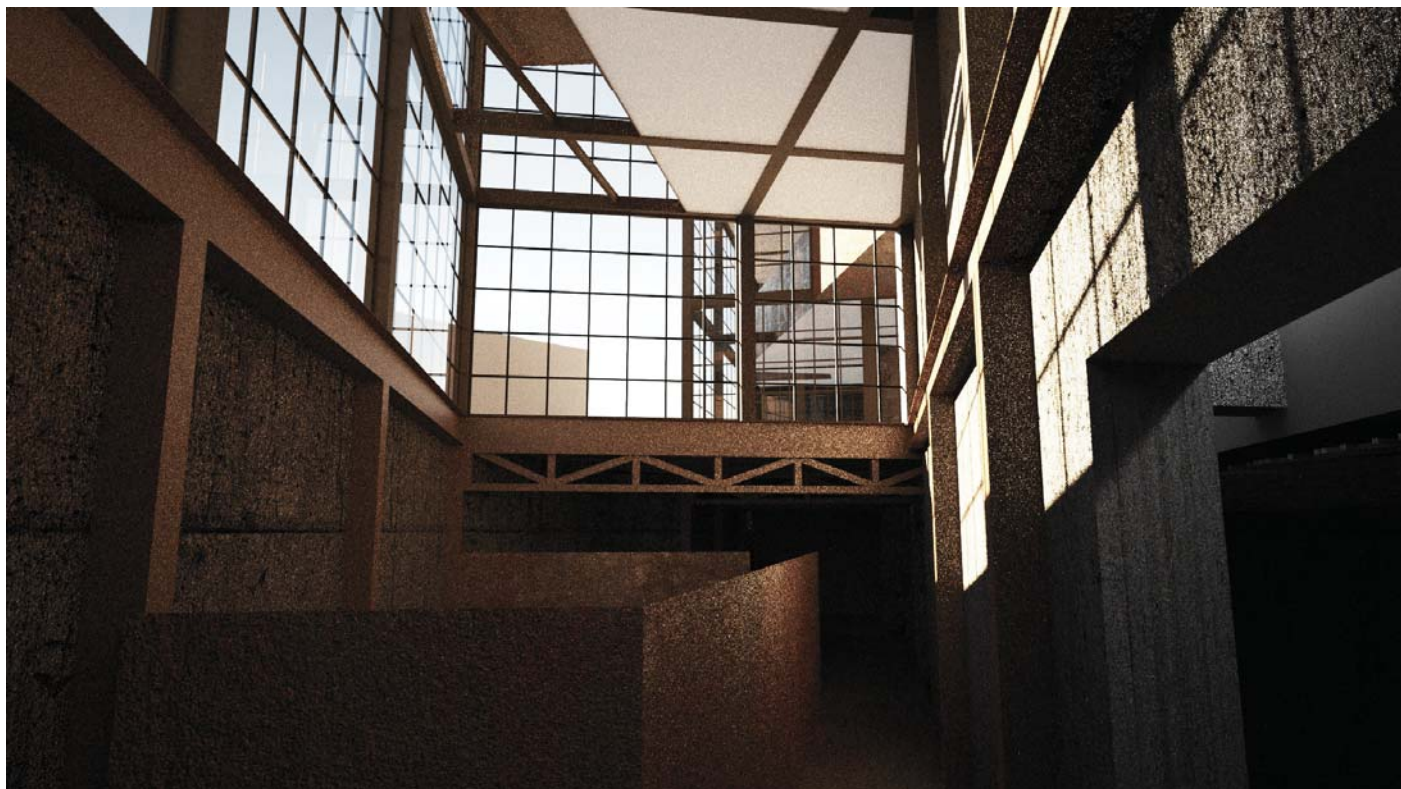
O CIC - Perspectivas nocturnas (Imagens Virtuais)



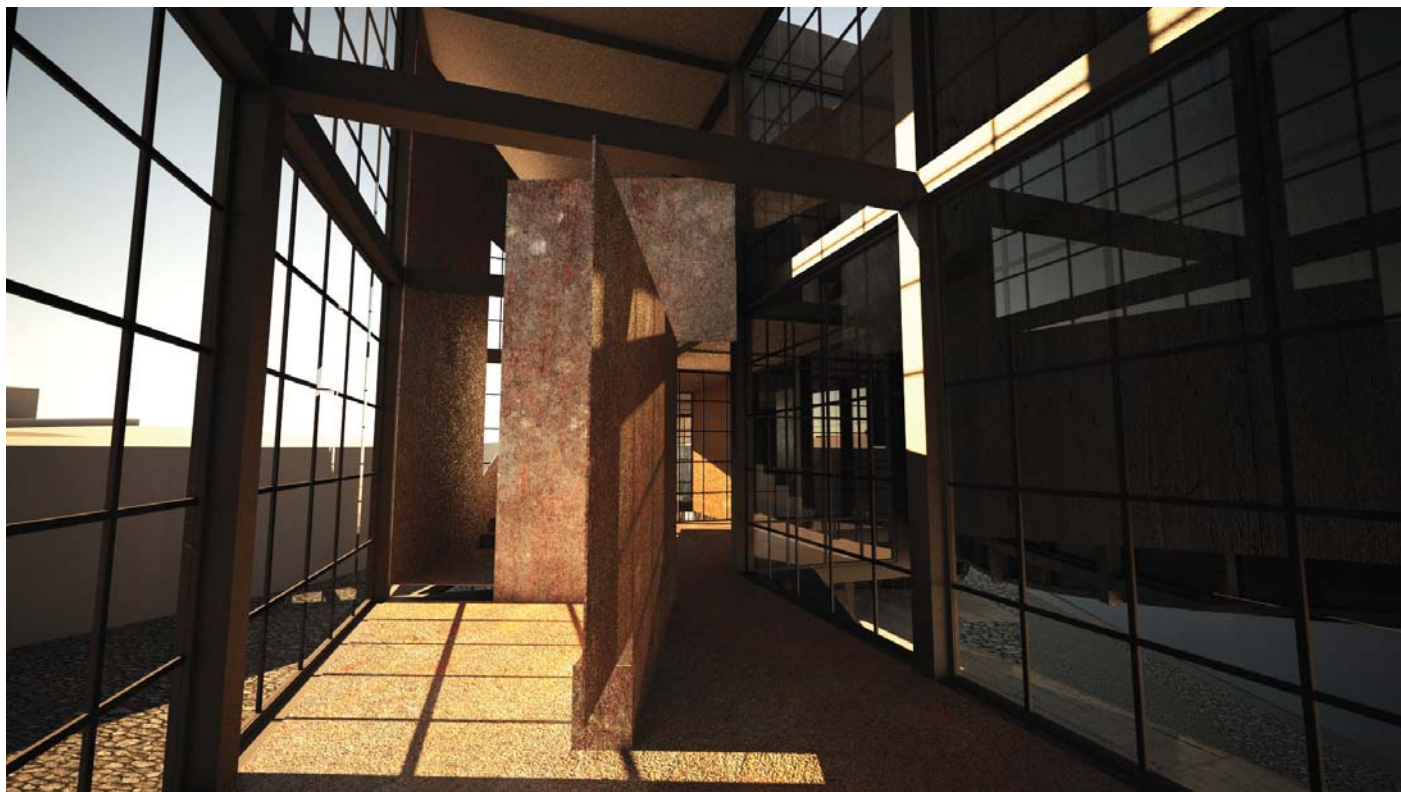
O CIC - Perspectivas nocturnas (Imagens Virtuais)



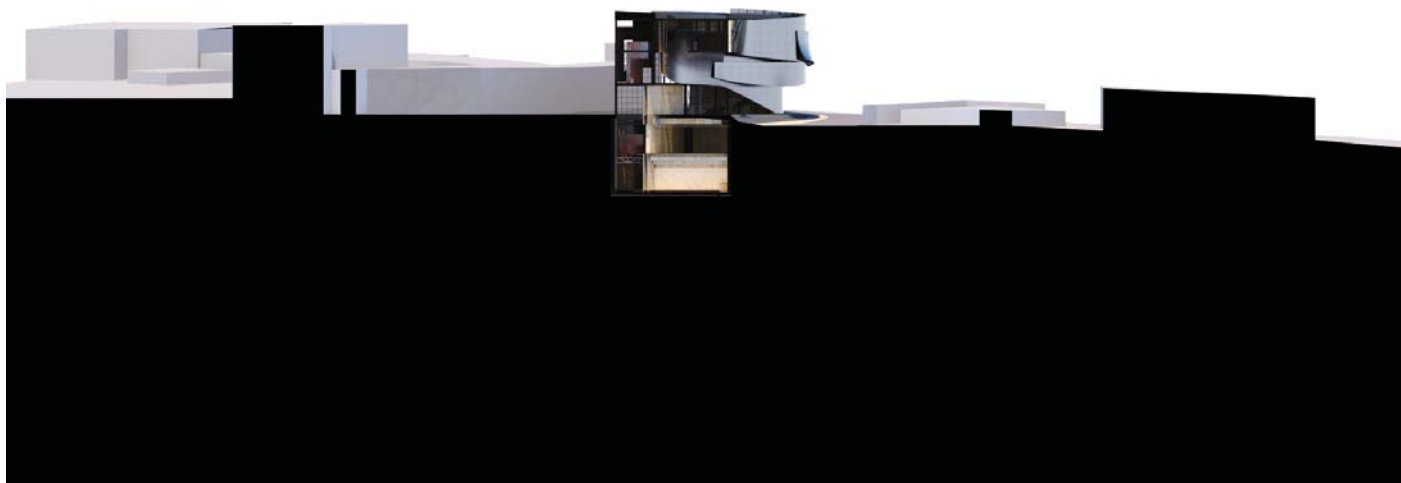
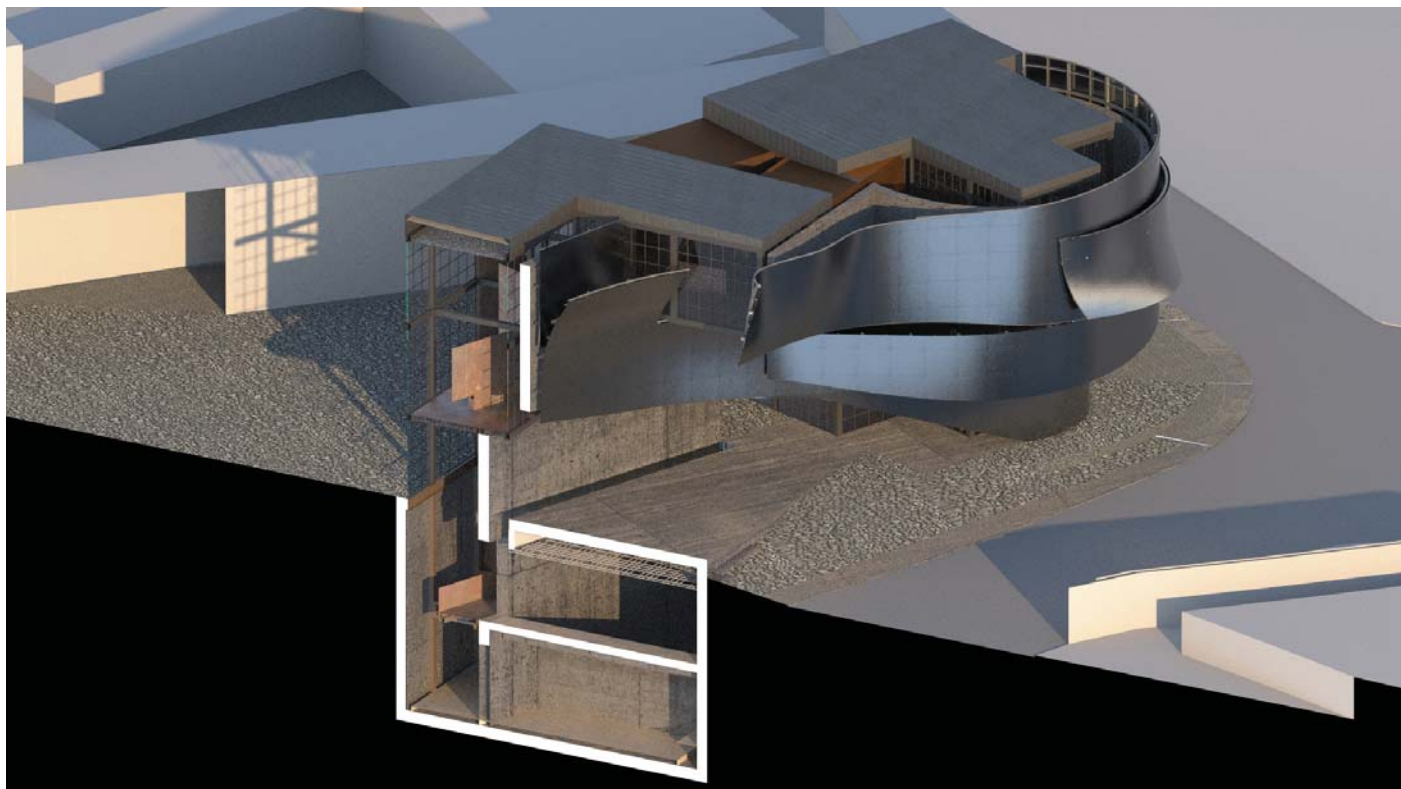
O CIC - Perspectivas nocturnas (Imagens Virtuais)



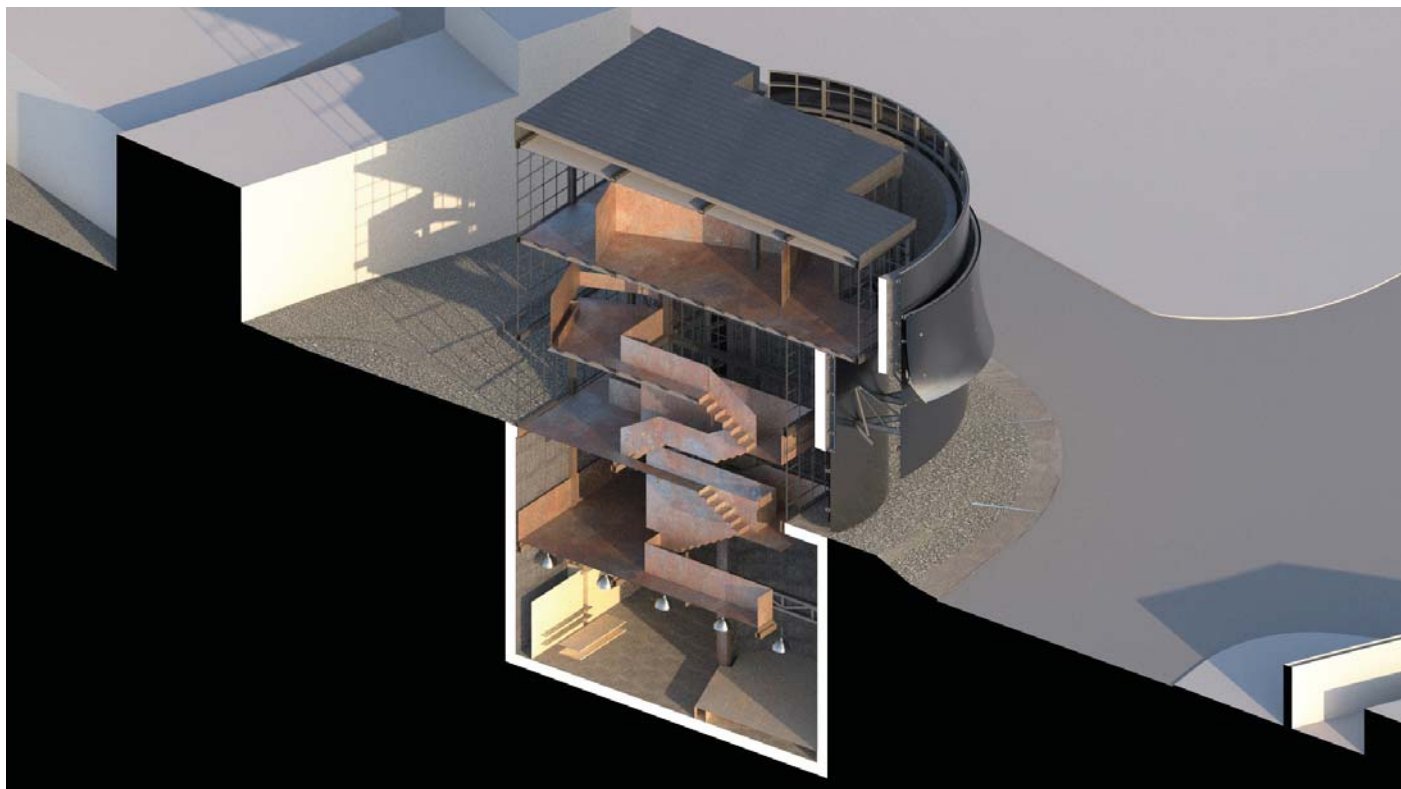
O CIC - Perspectivas Interiores (Imagens Virtuais)



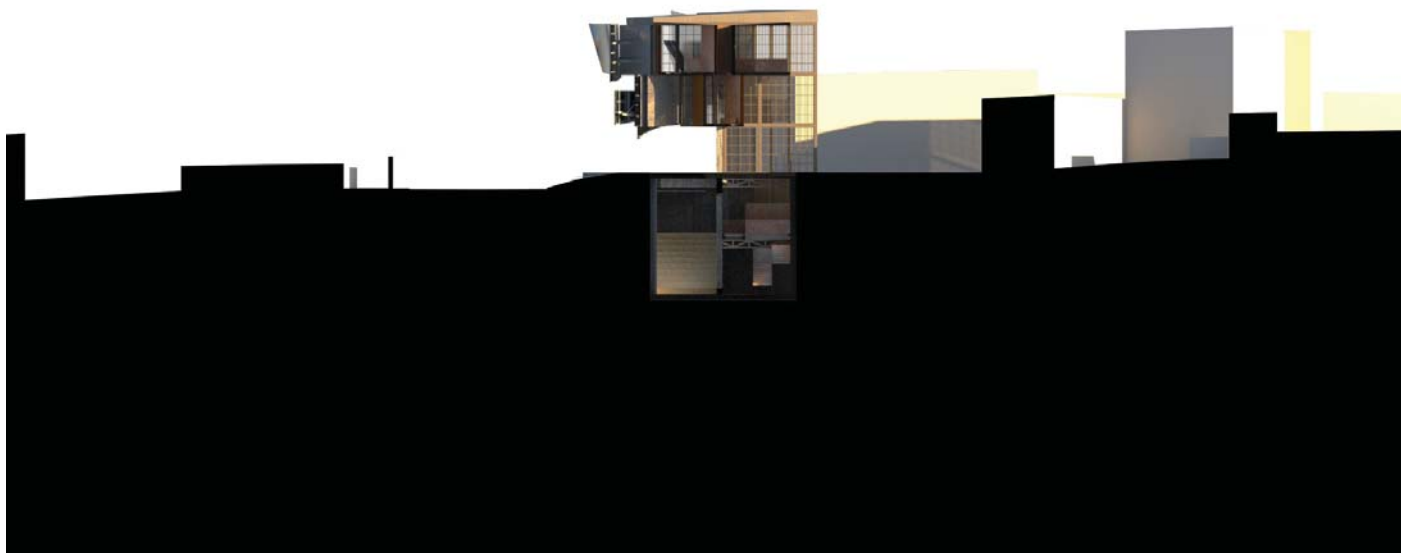
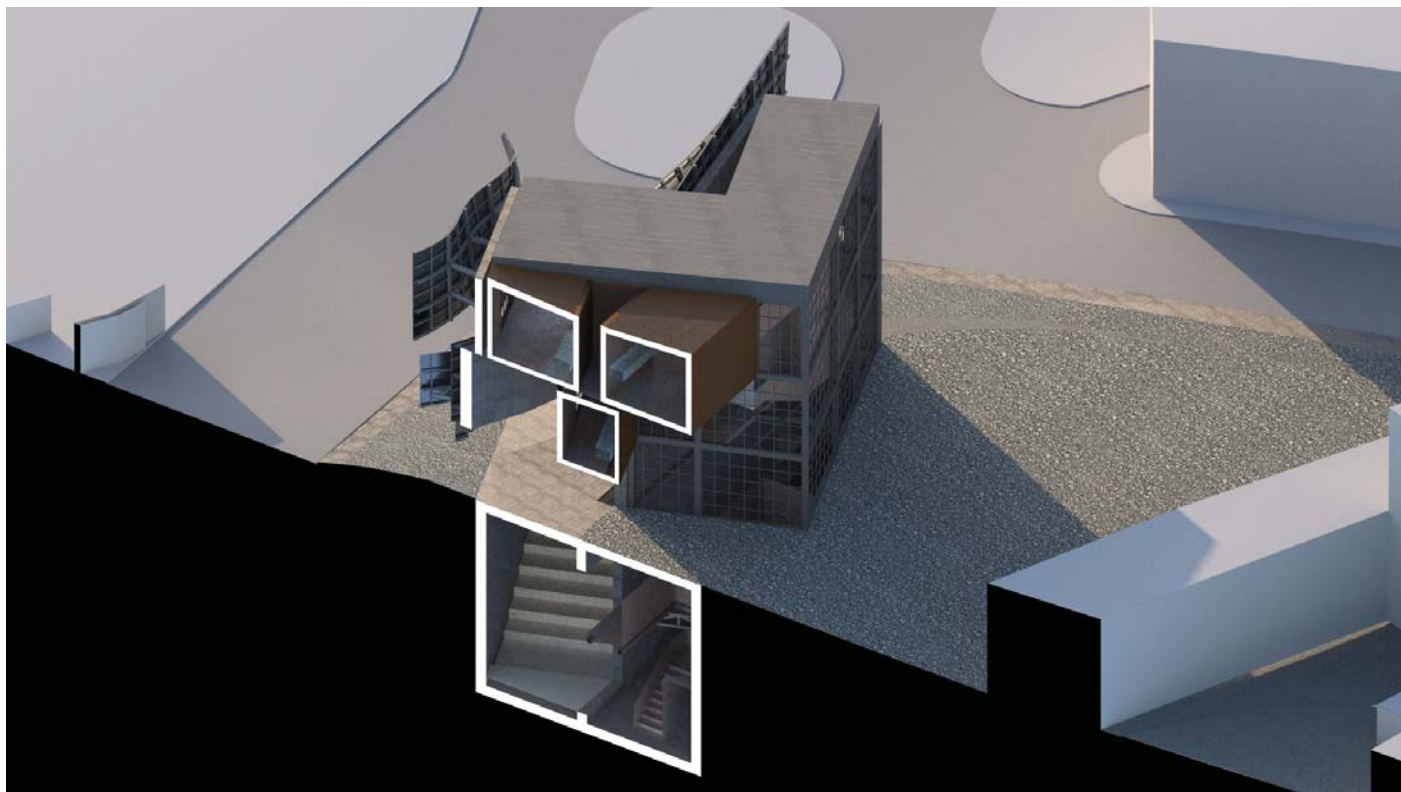
O CIC - Perspectivas Interiores (Imagens Virtuais)



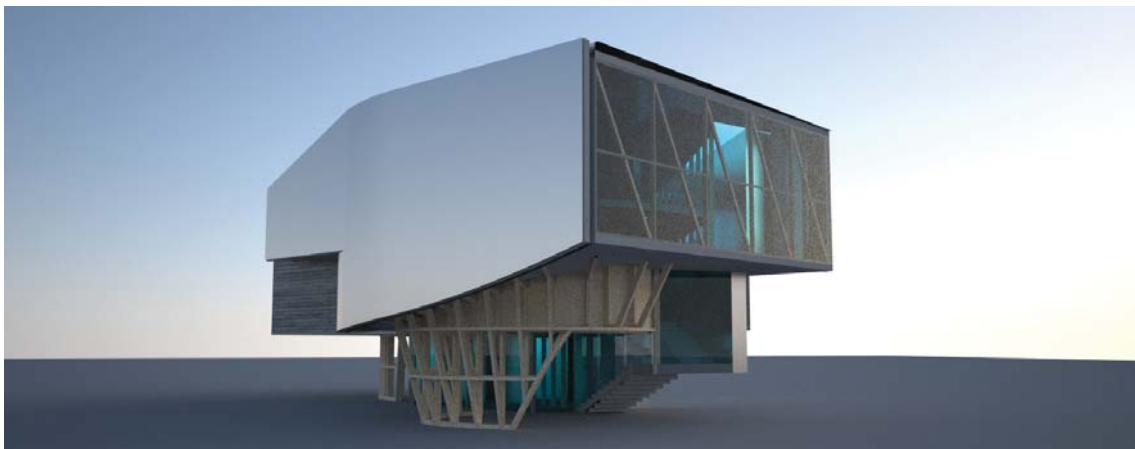
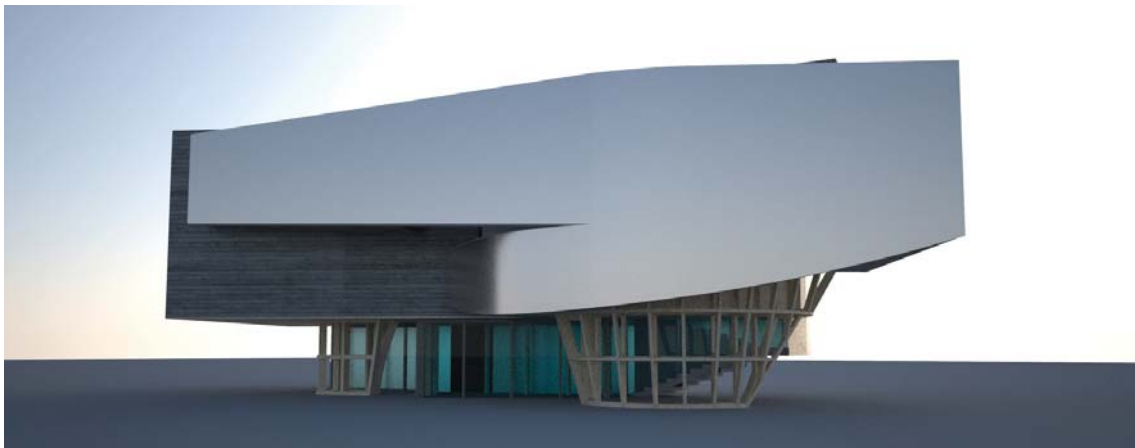
O CIC - Corte AA' (Imagens Virtuais)



O CIC - Corte BB' (Imagens Virtuais)



O CIC - Corte CC' (Imagens Virtuais)



Primeira proposta formal para o CIC. Proposta abandonada. (Imagens Virtuais)

